

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

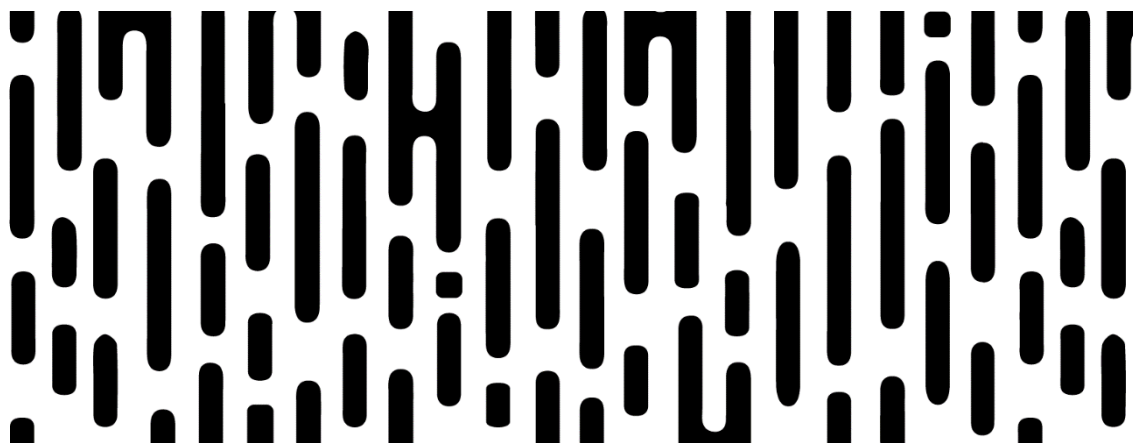
Ensaio crítico: Luiz Guilherme Vergara, fotografias Fausto Fleury e José Antonio

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Katie: uma homenagem a Katie van Scherpenberg

...escolhi a pintura como instrumento para poder pensar e chegar a um conhecimento, talvez até a algum saber. Katie van Scherpenberg

É engraçado ver os artistas oriundos da EAV Parque Lage se perguntarem de quem foram alunos, se distribuírem como que em tribos, em casas do castelo saído de um filme de Harry Potter, já que há claras diferenças entre as formas de ensino de seus professores. Não há nenhum deles que seja uma unanimidade, mas cada um deixa profundas marcas em seus alunos.

Na convivência com um artista que estudou com Katie durante cinco anos consecutivos, no MAM e na EAV, tais marcas são muito perceptíveis... além do olhar crítico contínuo sobre a própria obra, e a inquietude já típica de artistas, mas que se exacerba com essa passagem por sua tutoria, a experimentação por todo tipo de técnica, seja tradicional ou não, se apresenta como uma constante. Um montinho de terra colorida na beira de uma estrada, vira material. Não há setor de uma loja de artigos de arte que não tenha serventia, já que todos foram visitados durante a formação com uma professora tão eclética, e que transmite essa curiosidade às gerações seguintes, com um arcabouço de informações consistentes oferecidas aos alunos.

E esses ex-alunos continuam seus fãs, passam a alegria desse conhecimento adquirido para seus filhos, para amigos, e assim a ideia dessa exposição foi se concretizando. Quem não a conhecia, queria conhecer mais. Quem a conhecia, certamente a queria homenagear, colocar em uma obra o que havia recebido.

Não faltam workshops nos quais entrega generosamente esse amplo conhecimento sobre materiais, em especial orgânicos e sua deterioração, como pontuou o crítico de arte Fernando Cocchiarale. Ainda ele, considera sua série “Queda de Ícaro” (1980/81), de cinco telas brancas, com relevo cilíndrico, em que a barra negra horizontal é colocada em posições diversas, de suma importância em sua obra. Sobre elas, Paulo Herkenhoff refere “territorializar” a parede, já que a partir de sua articulação se dá o jogo do espaço e tempo entre as mesmas. As obras “Rio Vermelho”, de 1983, e “Caveat”, de 1984, são diálogos com obras de Helio Oiticica e Cildo Meireles, com perspectivas relacionadas à cor. De acordo com Paulo Herkenhoff, além de Matisse com seu

Atelier Rouge, essas obras se relacionam com as de Soutine e de Kokoshka (que foi professor de Katie), com as de Cildo e de Helio, já citados, mas também de Lygia Clark e do grupo *De Stijl*, e posteriormente, com a *Red Room* de 1994 de Louise Bourgeois.

O fato de ter variadas origens desde a naturalidade de seus pais (pai alemão, naturalizado holandês, mãe norueguesa), de moradia (nasce em São Paulo, mas mora no Amapá, Canadá, EUA, Inglaterra, Holanda, Noruega, Rio de Janeiro, Alemanha, Áustria), de estudos (Brasil, Alemanha, Áustria), certamente a moldaram dessa forma tão aberta ao novo, lhe dando essa vantagem em relação a quem não tem essa trajetória tão rica, que a faz considerar o diferente tão normal. A longa passagem pela Amazônia a ligou à natureza de forma profunda, conseguindo transformar esse amor e respeito em algo palpável em suas obras. Quando realiza “Território Ocupado”, em 1986, na EAV Parque Lage, conta com o crescimento da vegetação na realização da obra (explica Paulo Herkenhoff: “calculou a ação da fotossíntese e a luta da grama pela vida. Registrou como paulatinamente o esforço da vegetação em buscar a luz, como cresceu, engolindo o campo vermelho, para, restaurando o verde, reafirmar a condição material do pigmento aplicado em solo fértil”). Ela comenta em uma entrevista: “Minha obra é a costura dos meus próprios pedaços. Sempre fui uma aventureira. Eu acho que isso me fez encarar o meu trabalho como se fosse uma imigrante. E a forma de procurar e até de achar uma paisagem é pintando. Eu penso todas essas questões quando estou pintando. Fazer parte da paisagem é o desejo do artista. O trabalho só vale a pena se faz parte da paisagem, da cultura e do tempo a que pertence”.

Suas obras, andarilhas como a artista, foram vistas pelo mundo afora, além de em terras brasileiras, na Itália, Alemanha, China, Suíça, Noruega, EUA...

Recentemente, em 2019, no Oi Futuro, na exposição OLAMAPÁ com curadoria de Gabriel Perez-Barreiro, ela comentou: “Tudo o que faço é pintura. Os trabalhos não são feitos no sentido *happening* ou uma instalação. Em cada intervenção, examino aspectos, técnicas e problemas estéticos da pintura: o preto e branco em “Síntese”, a questão da luz em “Esperando Papai”, a aquarela em “Menarca” (pigmento se dissolvendo na água). No vídeo

“*Landscape painting*”, fiz intervenções na própria natureza lembrando as expedições artísticas e científicas do século XIX. A pintura é a técnica que eu uso para pensar e sentir. Uma busca constante de crescimento, alastramento, densidade, absorção e profundidade. Eu nunca sei exatamente o que vai acontecer, o conceito e a poesia vêm depois. Quando comecei estas obras, nunca pensei em mostrá-las. Eram ensaios que eu realizava para mim. Depois, quando associei os estudos com minhas pinturas é que decidi expô-las”.

Ou seja, a base é a pintura. As intervenções na natureza são uma pintura. No vídeo, na foto, tudo é pintura. Transformou uma pintura que recebera como herança, a ressignificando em uma exposição, homenageando seus ancestrais de forma linda, na exposição "Feuerbach e Eu na Paisagem", no Museu de Arte Contemporânea de Niterói em 2000, com curadoria de Paulo Herkenhoff, quando mostrou 50 obras iniciadas em 1993, e realizou uma intervenção na praia ao lado do museu, com corantes naturais, de forma a que fosse uma pintura na água (Refere: “O pigmento a ser usado é um óxido de ferro, oriundo de uma mina perto de Belo Horizonte. É um óxido de ferro queimado, sendo sua cor original ocre. Essas terras são usadas desde tempos imemoriais como cor, misturadas às vezes com colas à base de água, outras vezes com óleos. Por serem terras, não são tóxicos, além de serem extremamente estáveis”). O curador refere: “o método de Scherpenberg, às vezes não admitindo diluentes, também opera com corrosão, oxidação, fuligem, incidentes, fotossíntese, forças eólicas e maré...” E a artista confirma: “quando pinto com materiais que se deterioram com o resultado planejado de se transformarem em pigmentos, estou já, de certa maneira, discutindo a morte da pintura. Mas a morte é uma coisa material, e a pintura, por ser um pensamento visível, gera lembranças, discussões, história, cultura, raízes.”

Também sobre essa série, escreve Auterives Maciel, em 2003: “Katie nos convida a pensar a pintura como uma atividade inesgotável, entendendo-a como prática de um pensamento que se apodera do sensível para nele injetar ideias estéticas, aqui configuradas em paisagens”.

Uma grande dama da pintura! Com uma trajetória densa e exuberante como a Amazônia de seu coração!

REFERÊNCIAS:

Feuerbach e eu, na paisagem. Catálogo da exposição no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC). Texto de Paulo Herkenhoff (e carta da artista ao mesmo), 2000.

Feuerbach e eu, na paisagem. Catálogo da exposição no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC). Entrevista de Katie van Scherpenberg a Luiz Camillo Osorio, 2000.

Entrevista com Katie van Scherpenberg, exposição Feuerbach e eu, Galeria Anna Maria Niemeyer, 1995.

Exposição In Between. A Memória da Paisagem. Texto Auterives Maciel. Galeria Anna Maria Niemeyer, 2003.

<http://culturaniteroi.com.br/blog/?id=2128>

<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/5958-01-02-2019-oi-futuro-abre-a-exposicao-olamapa-de-katie-van-scherpenberg.html>

KATIE van Scherpenberg. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3819/katie-van-scherpenberg>>.

Acesso em: 11 de Jul. 2020. Verbete da Enciclopédia.

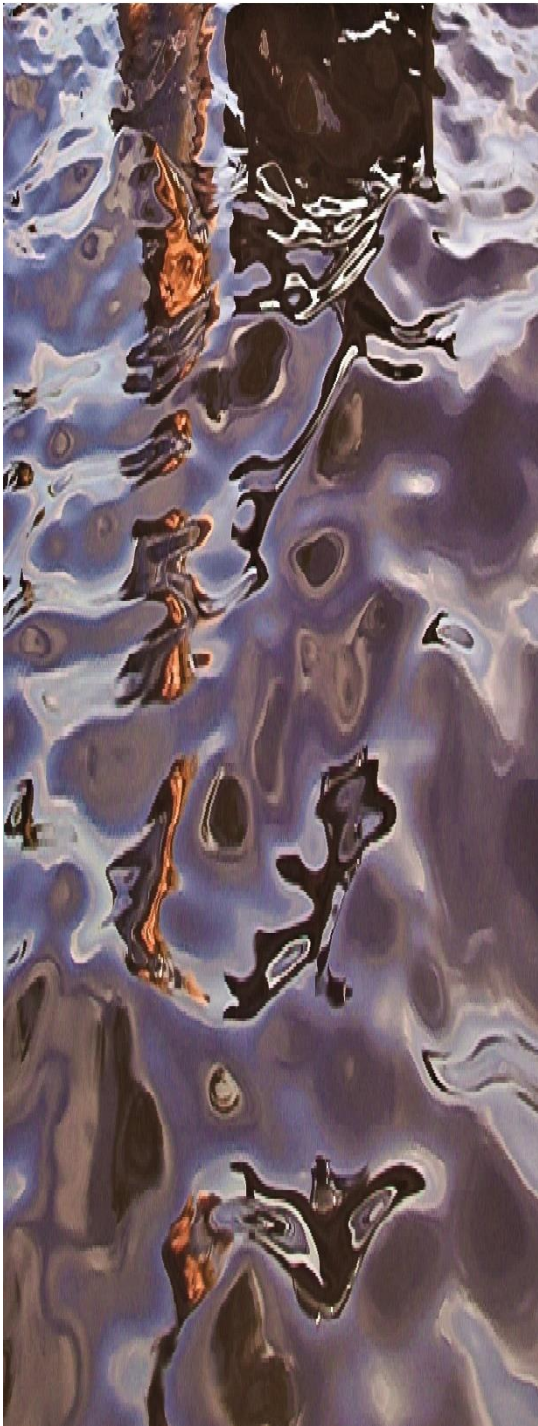
ISBN: 978-85-7979-060-7

Alê Silva



Fragmentos; fotografia digital, impressão digital *fine art* em papel fotográfico 100% algodão Hahnemühle photo rag 308 g./m2 no estúdio Usmininus; 2020; 100 x 70 cm; edição única

Alexandre Murucci



A Muralha (D'après van Scherpenberg); fotografia; tiragem 1/5; 2020; 15 x 45 cm

Alexandre Palma



Estudo de modelo vivo; acrílica s/papel Canson; 2016; 60 x 42 cm (sem moldura)

Alice Barbosa Lima



Percepções; acrílica com colagem em tecido e outros materiais; 60 x 60 cm

Ana Luiza Mello



Ana Luiza 2019

Ibiscos; monotipia tarlatana em papel Canson 500; 42 x 30 cm

Ana Morche



Portal das Existências; aquarela e acrílica s/ papel Arches; 2020; 37 x 52 cm

Ana Pose



Miragem; fotografia, impressão fine art com pigmento mineral sobre papel de algodão Canson infinity rag photographique; 2019; 30 x 20 cm

Ana Schieck



Terra transe (menarca); acrílica s/ papel aquarela; 2020; 30 x 42

Anderson Tibau



Fortuito; técnica mista: gouache, aquarela, ouro e colagem; 2020; 29,7 x 42 cm

Andres Papa



Aos cubanos mortos na busca pela Liberdade; acrílica s/ tela; 2020; 50 x 70 cm

Angela Muggiati



Arena; acrílica e pastel a óleo s/ tela; 2020; 77 x 97 cm

Angela Rolim



sem título; desenho, aquarela, óxidos; 2019; 30 x 24 cm

Analu Nabuco



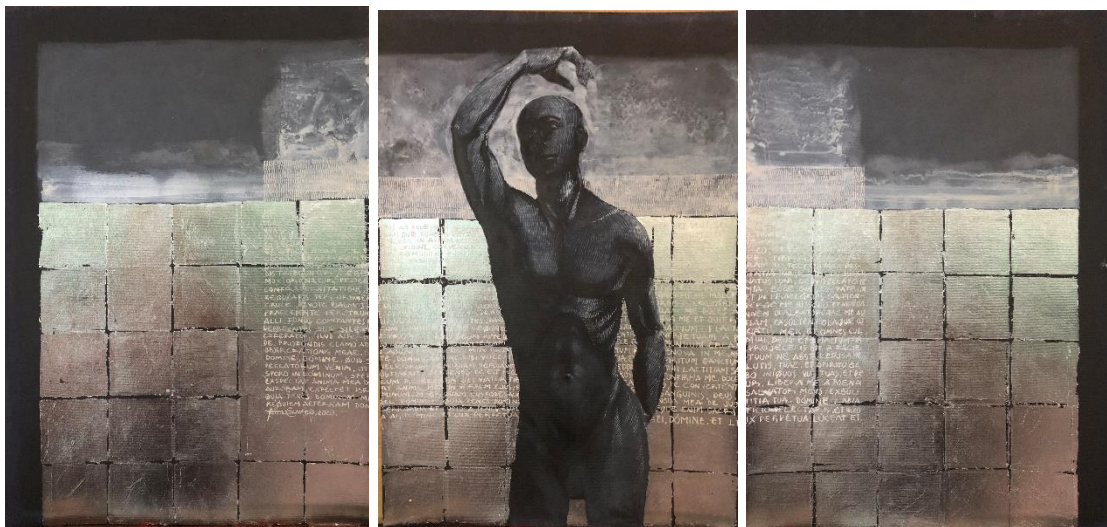
Incandescente; madeiras e tinta acrílica; 2019; 33 x 21 x 8 cm.

Anita Fizon



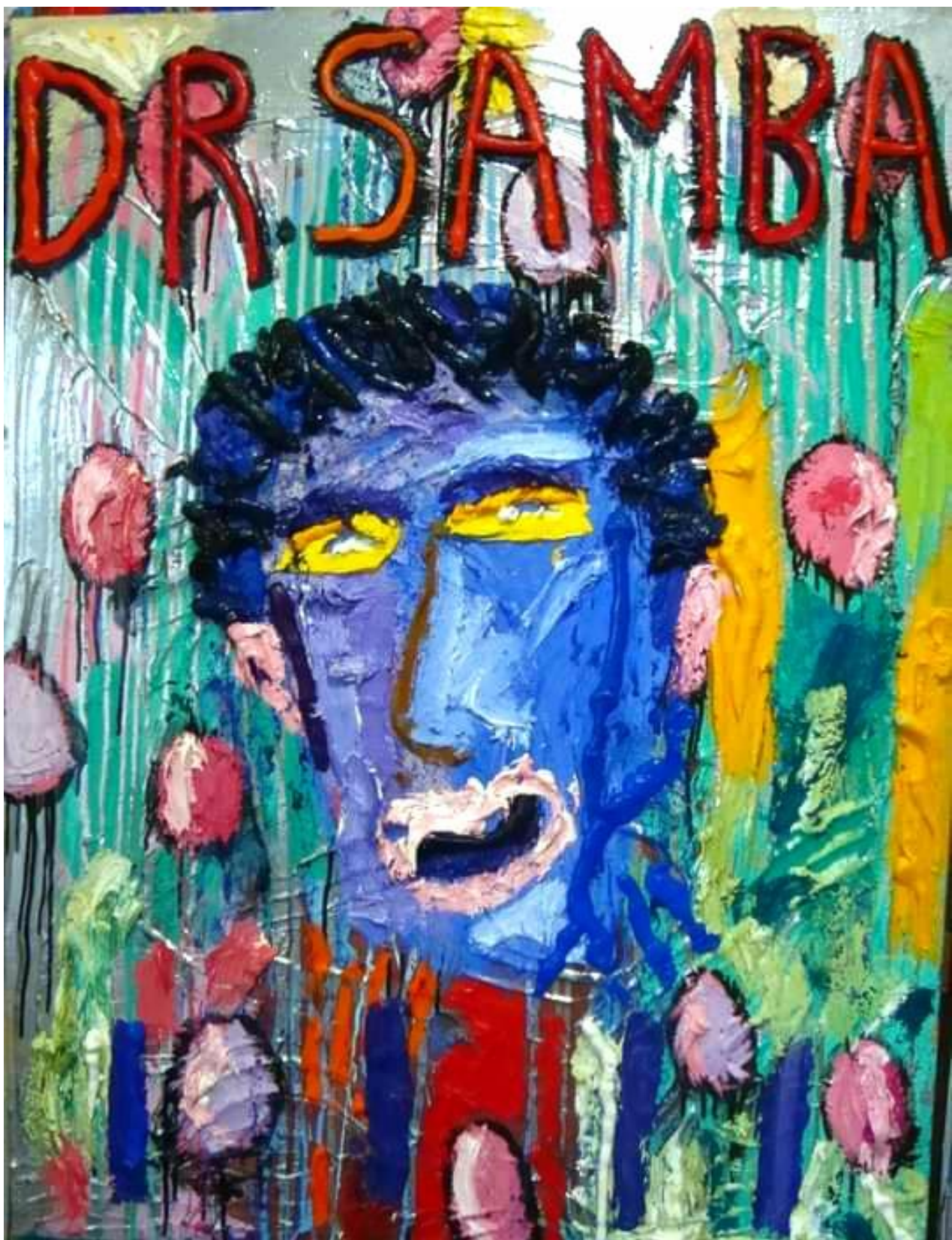
Imensidão; objeto em processo, madeira, barbante, pigmentos naturais, orquídea; 2020; 150 x 15 x 55 cm

Atílio Colnago



Benedíctus Dóminus (Tríptico); técnica mista: têmpera de caseína, folha de prata, nanquim branco em papel Montval 300 g.; 2020; 60 x 120 cm

Augusto Herkenhoff



Dr. Samba; óleo s/tela; 2010; 130 x 93 cm

Beatriz Kreimer



Bicho; acrílica s/tela; 1994/1995; 120 x 130 cm

Bia Rocha



Natureza morta sobre estampa de Katie; aquarela; 24 x 32 cm sem moldura

Botôto



Caminho de flores; acrílica espatulada; 2020; 40 x 40 cm

Carlos Borges



Projeto Ponte de Fauna; fotografia; 2018; impressão: dimensões variáveis limitadas a 10.

Carlos Cesari



Complementares; técnica mista, papel de presente colado, tinta acrílica fosca e metálica sobre papel cartão e madeira (moldura); 2020; 31 x 42 cm

Carmen Bello



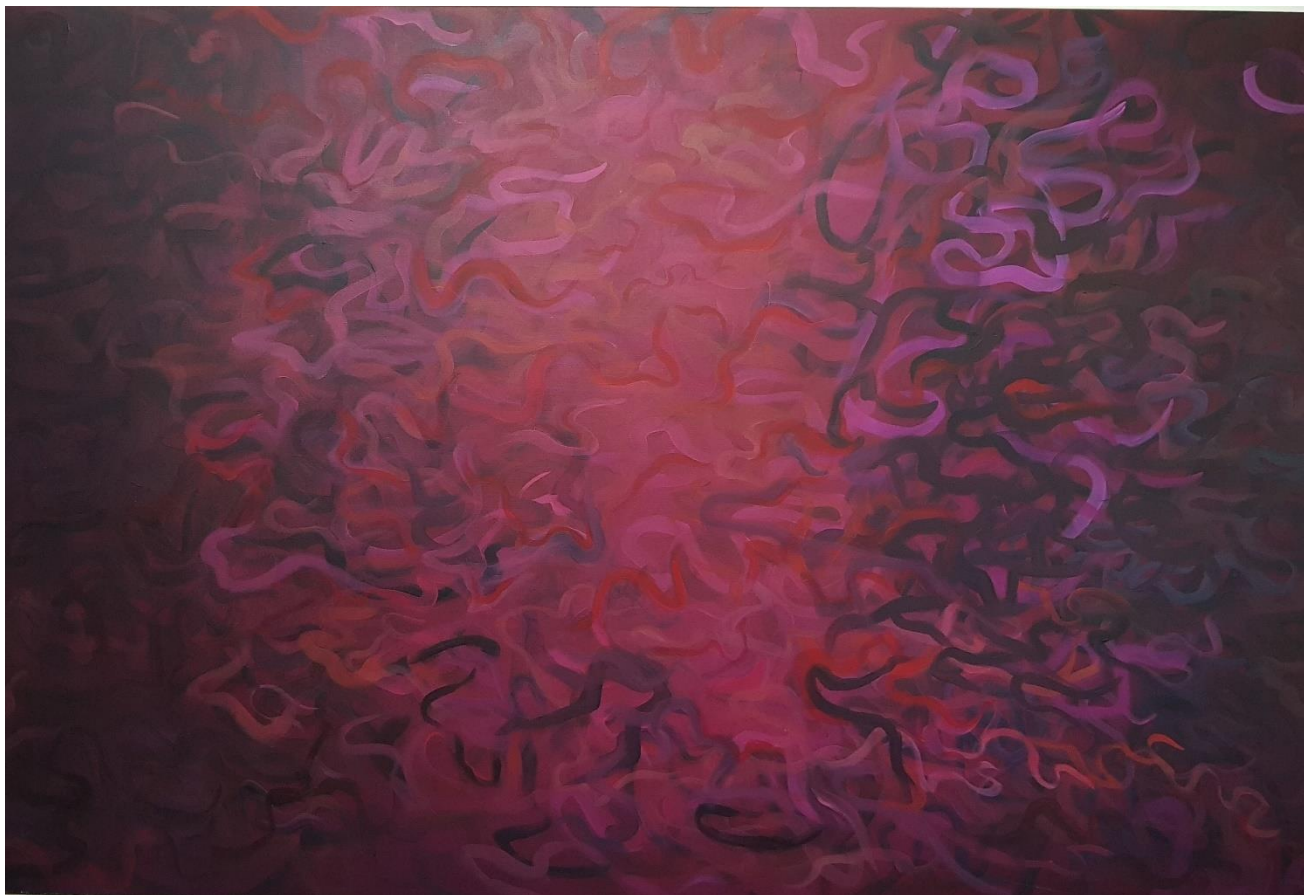
Chuvas de mim, acrílica s/tela; s/data; 53 x 65 cm

Célia Pattacini



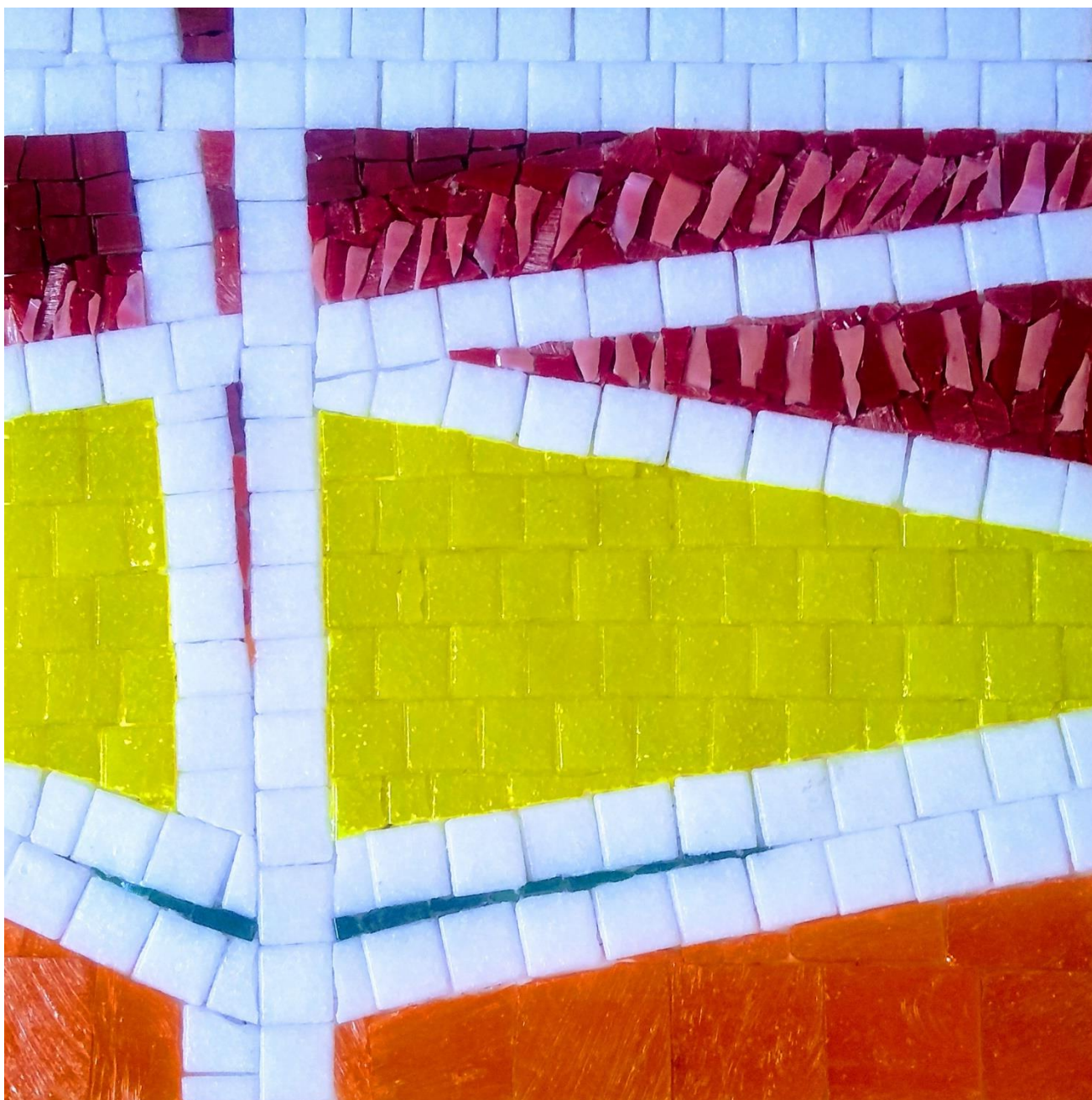
Vestígios; foto-desenho impressa s/papel de algodão; edição de 5; 2020; 60 x 55,5 cm

Celina Noli



sem título; acrílica s/ tela; 2020; 100 x 150 cm

Celso Adolfo



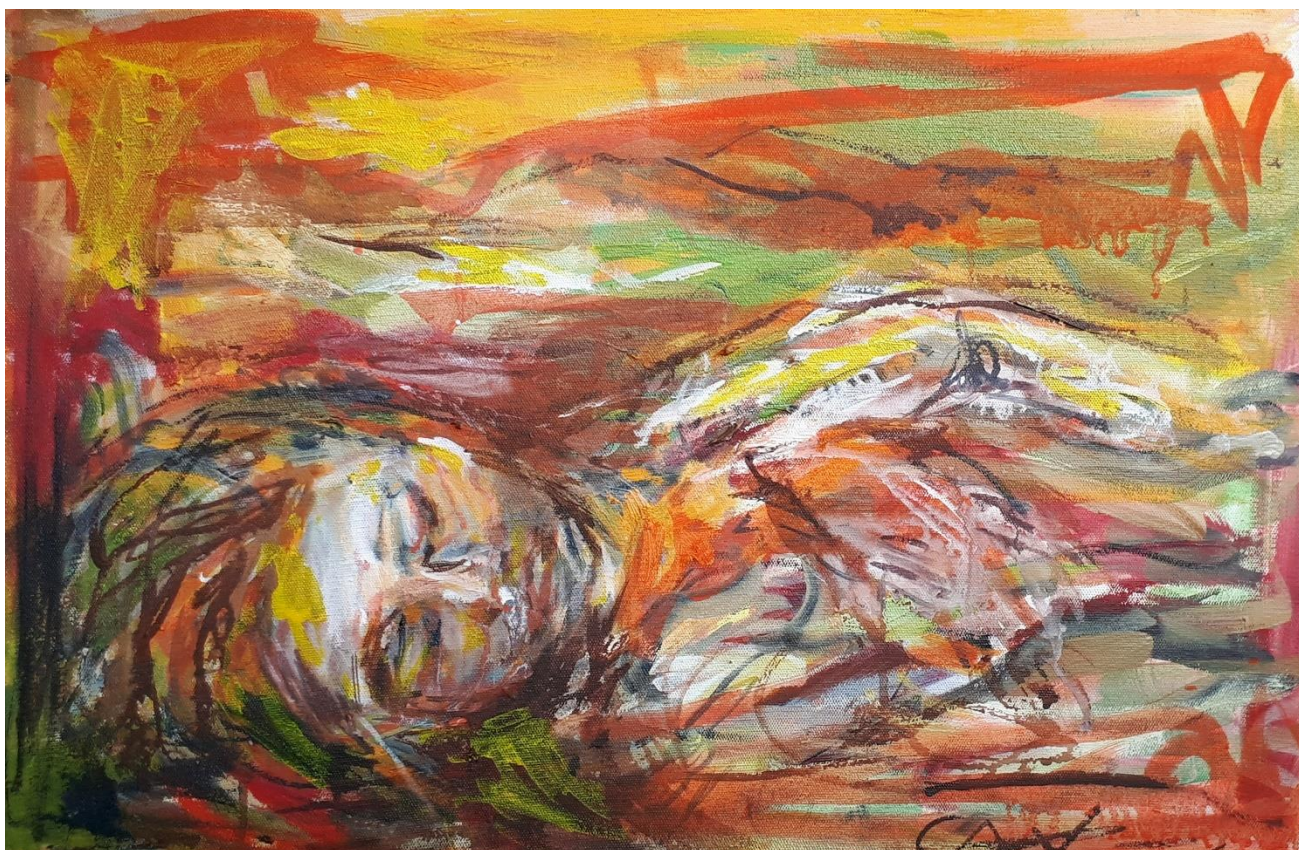
Dialética; mosaico/esmaltes; 2020; 15 x 15 cm

César Coelho Gomes



Momaenduara (fazer lembrar, em tupi); acrílica e pigmentos em pó s/ placas de madeira; 2020; 54 x 47 cm

Clara Cavendish



Ofélia; acrílica sobre tela; 2020; 55,5 x 38 cm

Cláudia Lyrio



Carta ao mar 1; ação poética de desenho e pintura na praia das Fontes,
registro fotográfico sobre papel de algodão; 2017; 60 x 90 cm; tiragem de 5

Claudia Watkins



À deriva; pigmentos naturais e acrílica s/ tela; 2020; 100 x 100 cm

Daniela Veronesi Deboni



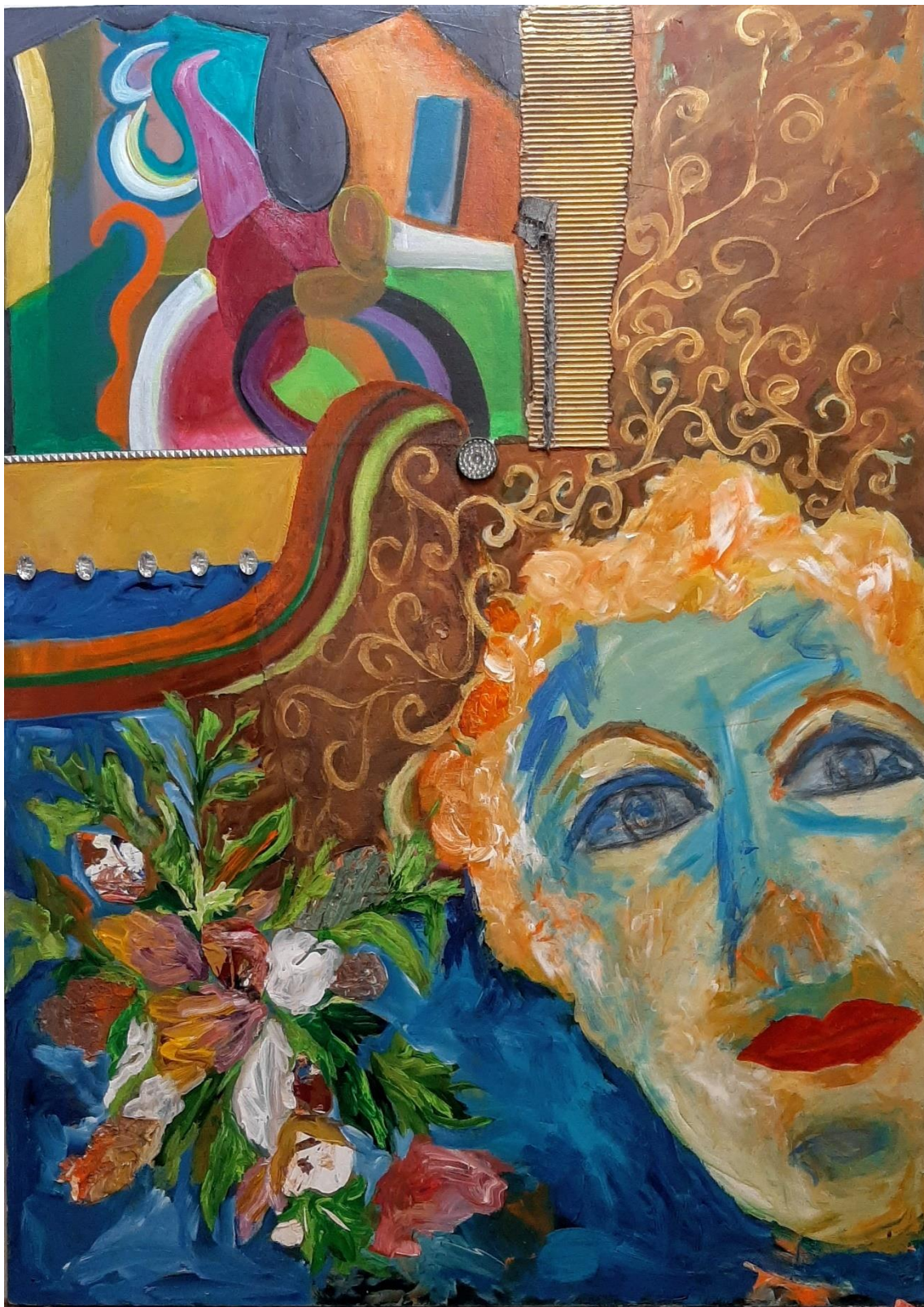
Enxoval; acrílica s/tela; 2020; 73 x 67 cm

Daruich Hilal



Sem título; acrílica s/ tela com aplicação de tecido; 2020; 70 x 50 cm

Dirce Fett



Mulher azul; técnica mista; 2012/2020; 180 x 140 cm

Dora Portugal



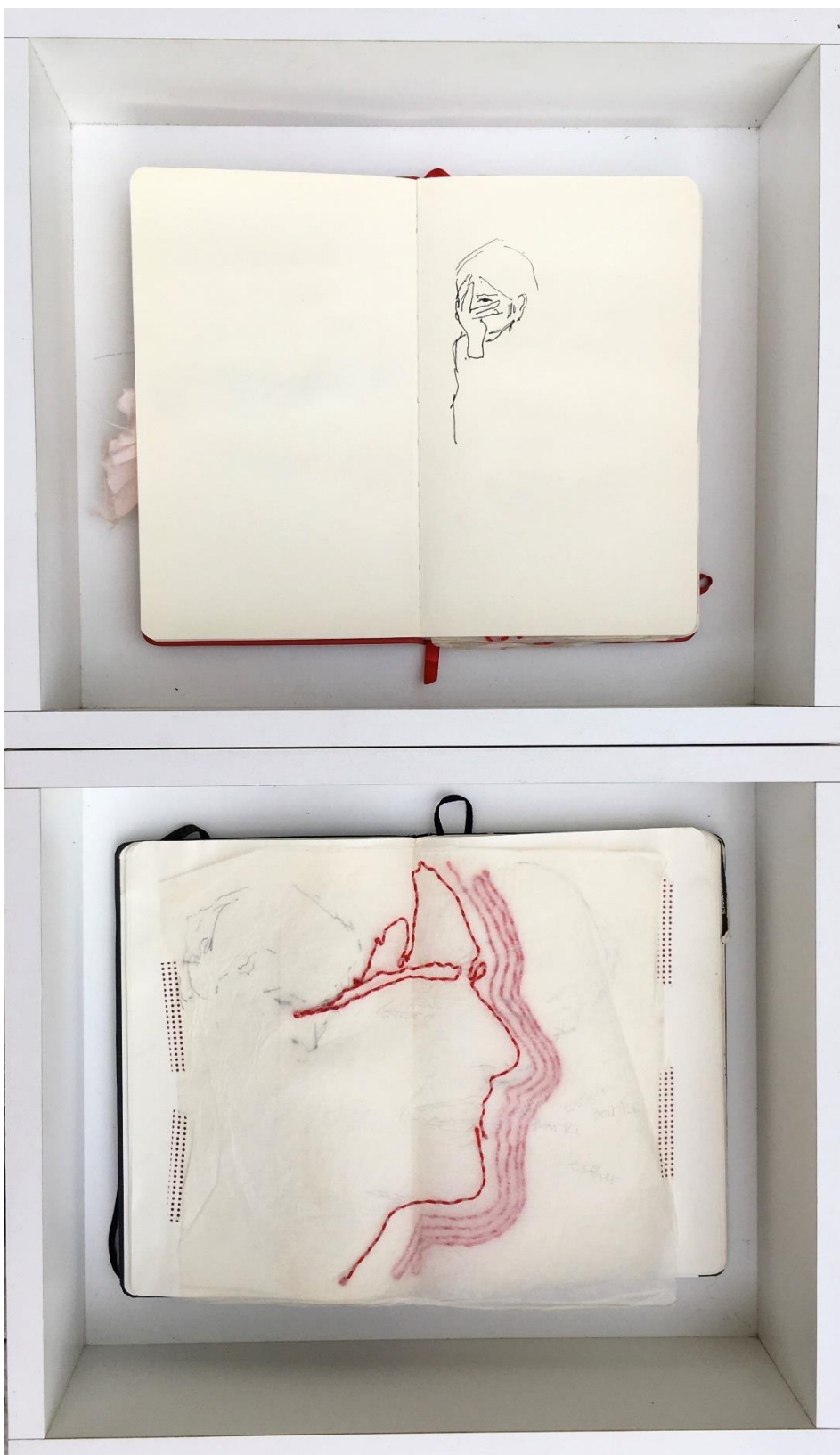
Sem título; acrílica s/ papel Monval; 2016; 42 x 29,7 cm

Eda Miranda



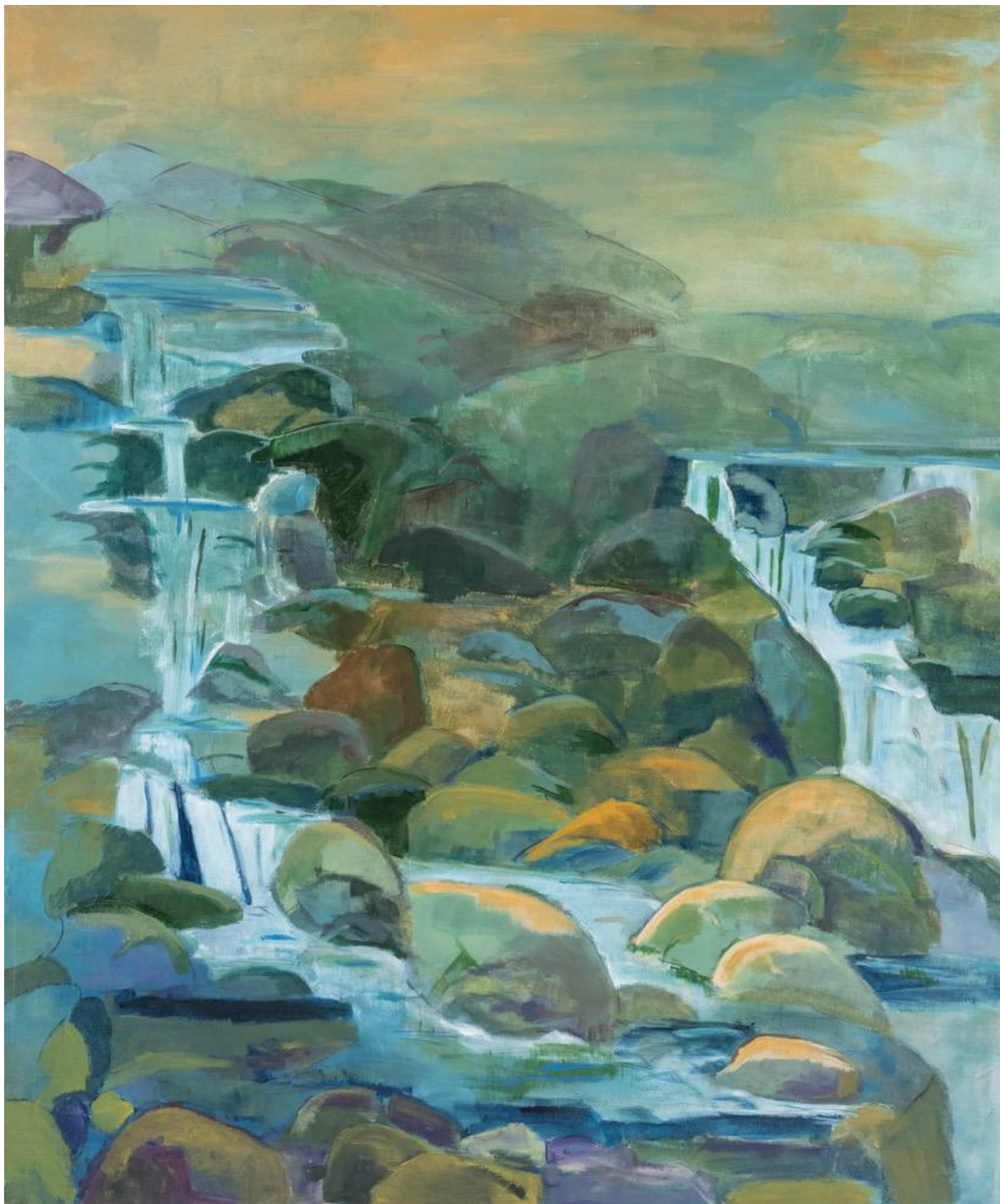
Sou da mamãe; acrílica e colagem de tecido; 2020; 67 x 80 cm

Esther Barki



Diários abertos 2009/2019; caixa, técnica mista; 2019; 35 x 60 cm

Esther Bonder



Floresta da Tijuca; acrílica s/ tela; 2018; 120 x 100 cm

Elaine Fontes



Esperando Katie, Série Quarentena / 2020; acrílica s/ tela; 2020; 100 x 100 cm

Fatima Villarin



Alfinete da série O sintoma do Silêncio; escultura; 2018; 100 x 10 cm de diâmetro

Fernando Brum



Relva; óleo sobre linho; 2020;53 x 43 cm

Fernando Cardoso



Sem título, desenho a caneta hidrocor s/papel; 2020; 30 x 40 cm

Flavia Curvello



A natureza que renasce; acrílica s/tela; 2020; 110 x 140 cm

Gabriella Massa



Da série FEBEA; colagem geométrica em mosaico de fotografias da década de 60 sobre fotografia contemporânea de infravermelho impressa em papel rag photographique da Canson.; 20 x 30 cm

Galvão Jr.



Nº 181 a 186; técnica mista s/ papel; 2020; 140 x 296 cm

Gardenia Lago



Infinito enquanto dure; fotografia, impressão *fine art* em papel de algodão, tiragem de 20; 2020; 40 x 22,58 cm

Gilda Goulart



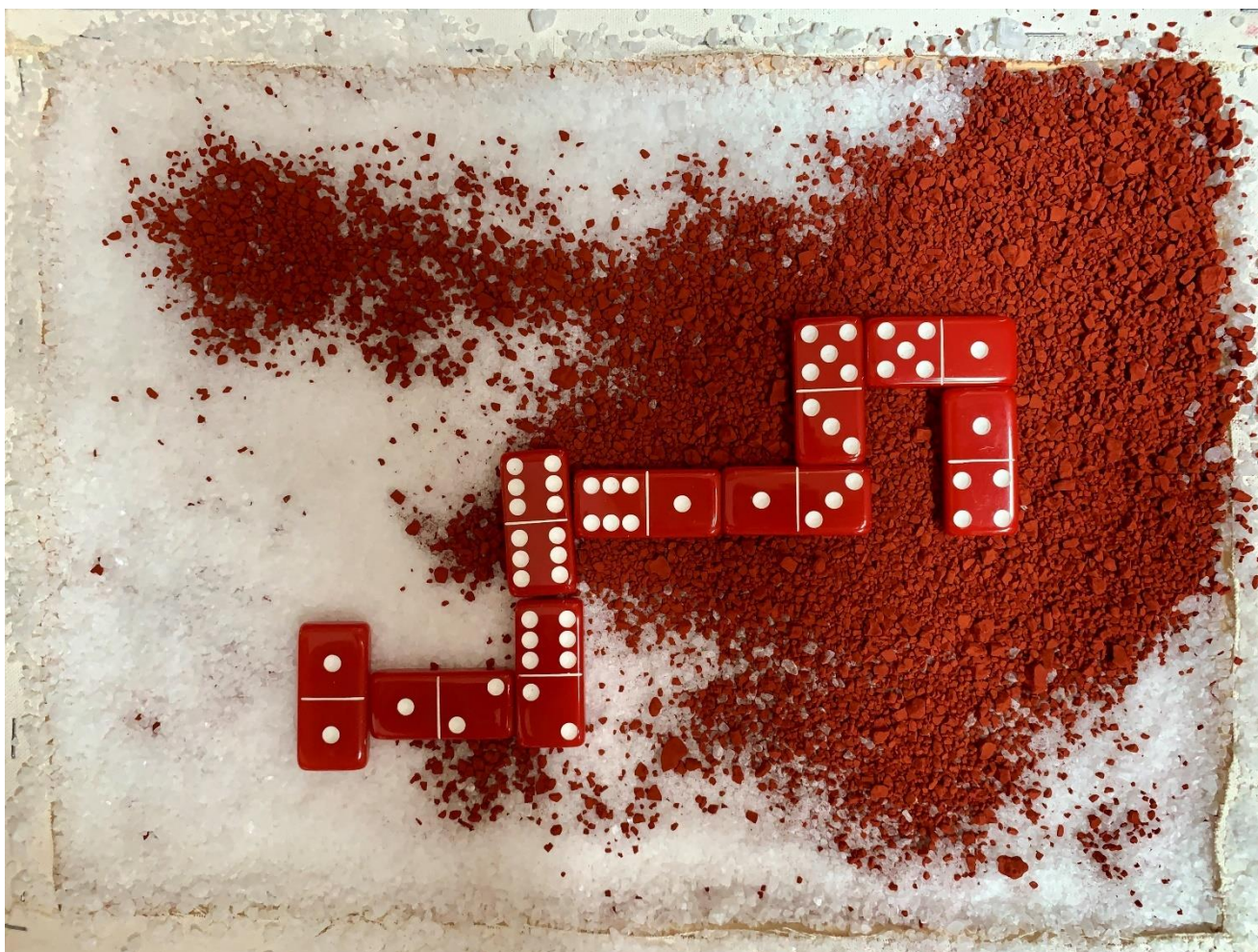
Sem título; fotografia de casca de árvore tirada com Ipad, interferências com acrílica; 2015; 39 x 28 cm

Gilda Lima



Alguma; fotografia digital em papel algodão; 2018; 70 x 40 cm; edição única

Gilda Santiago



Entredois, série Dominó; sal grosso, pigmento e peças de dominó em resina sobre tela invertida; 2020; 30 x 40 cm

Gilvan Nunes



Memory; cerâmica pintada; 2020; 40 x 15 cm

Gina Castelo Branco



Amor Infinito; fluid art e técnica mista; 2020; 150 x 90 cm

Gloria Conforto



Inundação; óleo e pastel oleoso s/ tela; 2019; 70 x 70 cm

Graça Pizá



Ondas de Afeto; escultura, trabalho sobre papel Canson A2 com pintura acrílica; 2020; 35 x 25 cm

Guilherme Liduino



E daí?; pastel oleoso sobre papel Kraft; 2020; 117 x 84,5 cm

Igor Gomes



Explosão; fotografia impressão fine art papel algodão Canson; 40 x 40 cm;
tiragem 1/10

Ira Etz



Magritte; colagem sobre madeira; 2020; 30 x 40 cm

Isabella Marinho



Luta; técnica mista, colagem sobre papel Kraft; 2020; 60 x 60 cm

Izabel Vidal



Oca Vazia; Escultura em cerâmica, argila terracota; 2020; 20 x 25 cm

Ivan Cardoso



Série Fotos Abstratas; fotografia; 2019; 60 x 90 cm; edição única

Jarbas Paullous



Leveza; vídeo Performance; 2020.

João Saboia



Para Katie van Sherpenberg; Impressão digital; 2020; 42 x 30 cm

Joel Gama



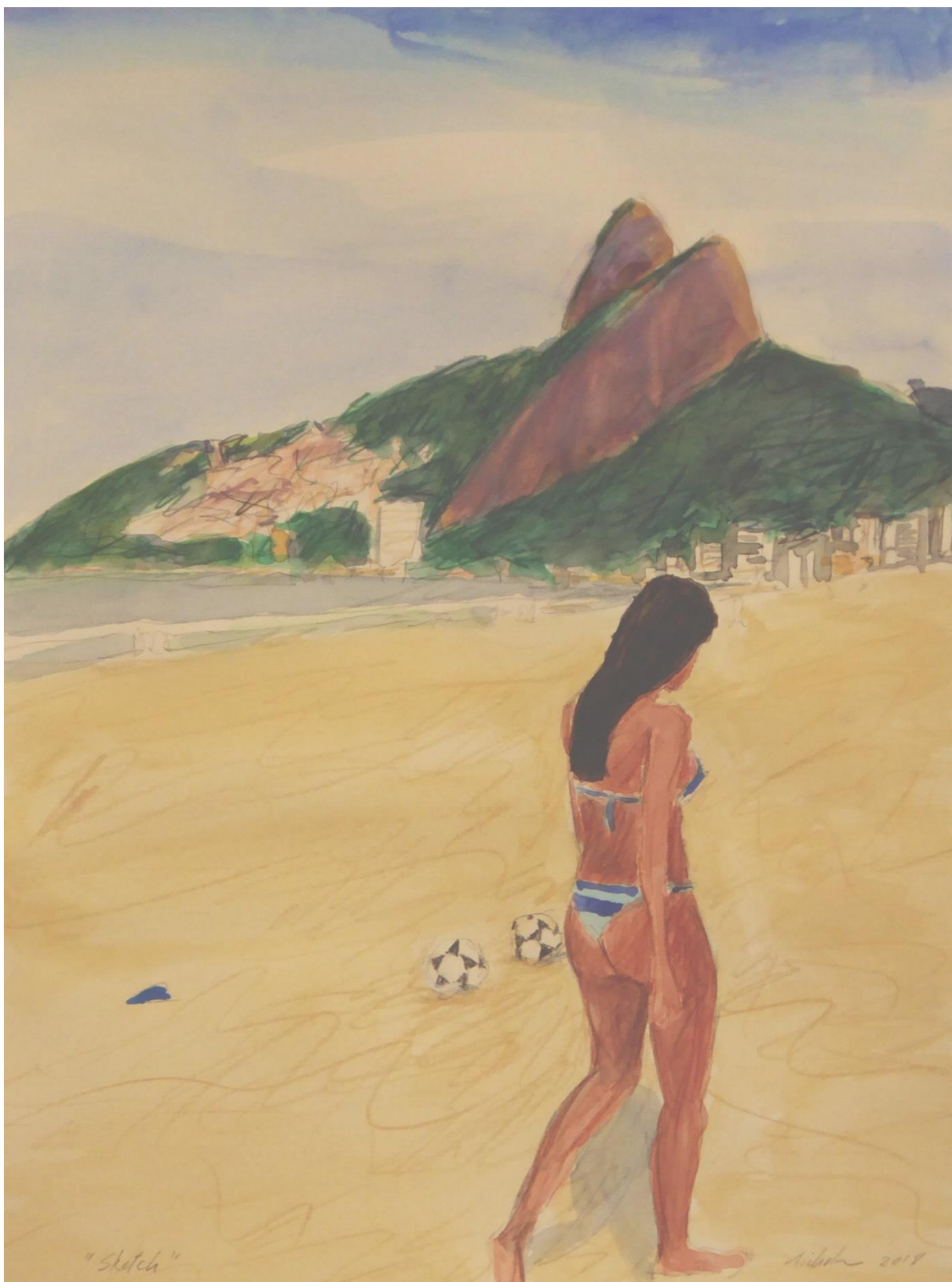
Quase Pintura; gravura em metal, água forte e água tinta, com relevo gráfico e impregmentação de folha de ouro, papel Hahnemühle 300 gramas; edição única; 2020; 20 x 20 cm.

Jonas Federman



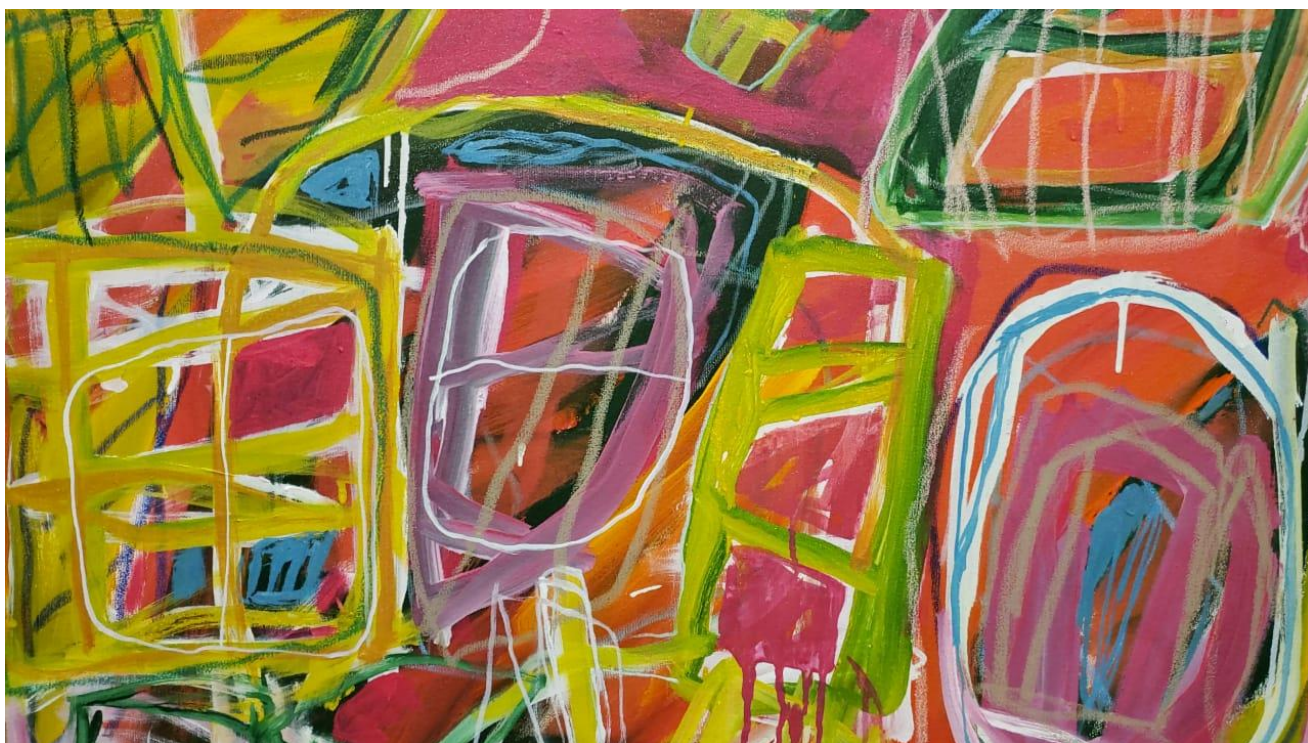
Retrato de Jonas Segal; óleo s/tela; 2020; 30 x 20 cm

John Nicholson



Sketch; aquarela sobre papel; 2018; 40 x 30 cm

Jorge Barata



Sem título; acrílica s/tela; 2020; 40 x 60 cm

Jorge Cerqueira



Elegia; têmpera e óleo s/tela; década de 80; 110 x 140 cm

Ilustrações

O PINTOR

"Abarrecimento, quase poesia"


Marques Rebelo

Querido amigo doc (21,5 KB)

[...] meu trabalho é muito simples, realmente. A questão da pincelada é uma questão de tédio. [...] O limite da pincelada está na tinta e no pincel. Tem um trabalho meu [...] em que a imagem é gerada por pinceladas dadas enquanto havia tinta no pote. Quando acabou a tinta, dei o trabalho por encerrado"


Katie van Scherpenberg

Repelição



Amaneira de Katie

O cinza sempiterno



Pinceladas mecânicas como um tique-taque de um relógio

Declaração de insolvência

[...] e então é impossível ver que se passa com os outros, pois já gastei todos os meus poucos recursos em examinar, em comparar, e só consigo fazer surgir novas interrogações, que se interrogam elas próprias, entresi, ansiosamente, sem esperar respostas, tão grande é a sua impaciência."

Cornélio Penna

"Tudo é sono à nossa volta"

G. Braque

Amal - Anjo

Anjo 2001

Ilustrações


PASSOS

"É música o rigor com que te móveis."

Ivan Janqueira

Katie van Scherpenberg


Katie encontra a cor local da pintura, se é que assim podemos dizer. E muito mais.



Santana e o Anjo (cópia) de Katie

O pincel é molhado na tinta que é aplicada sucessivamente na tela. Quando a tinta começa a escurecer é novamente molhado, e a operação continua. Katie mostra-nos os limites da pincelada. Ultrapassar esses limites equivale a perder-se e não se perder exige um recomeço.

contrastes



O azul sobre um fundo verde perde cromaticidade; rompe-se pelo oposto do verde, o vermelho.


Missão e Compromisso - IV

Quem sopra essas montanhas?
Quem vai esse poema?
Que pão se magnifica
no bojo dessa noite?
Há qualquer coisa vindo,
presságio amonhecendo-se,
casulos desatando-se.
Escuta: há passos, passos
de qualquer coisa perto,
ali, agora, aqui,
ao cabo desse palma
de abismo entre as montanhas
Há qualquer coisa vindo
além desse poema,
no bojo dessa noite,
na esquina desse dia.

Jorge de Lima

"Vai, vai, vai, disse o pássaro"


T.S. Eliot



Dapper G. Braque

Limites

Qual o limite entre duas cores?



Amal - Anjo - Março 2001

José Rocha



Cotton; encaústica e pigmentos minerais; 2020; 20 x 30 cm

Joseli Bezerra



Transformação; fotografia impressão em papel fotográfico; 2020; tiragem 1/5;
29,7 x 42 cm

Lando Faria



sem título; acrílica s/ tela; 2020; 30 x 30 cm

Laura Bonfá Burnier



Coisas do tempo; oxidação de ferro/cobre, desenho recortado s/tela;
2000/2017; 34 x 41 cm

Léa Soilbelman



Graphotáctil; gravura em metal, Carborundum, papel artesanal feito pela artista;
1993; 120 x 40 cm

Leila Bokel



No meio do caminho (referência a Carlos Drummond de Andrade), série Pedras; tecido, acrílica e fio de algodão; 2020; 19 x 30 x 32 cm

Lena Tejo



Maria; técnica mista sobre placa de metal; 2020; 30 x 40 cm

Lenn Cavalcanti



Maré Vermelha; acrílica s/tela; 2002 (durante curso feito com Katie); 120 x 100 cm

Liana Gonzalez



Sobre dor e afeto: o chá abraça a dor; série Você pode me ver?; técnica mista sobre placa de papel machê feito com aglomerado de papel pós-consumo utilizado em embalagens, saquinhos de chá, esparadrapo, e desenho representativo do corte cirúrgico causador da dor; 2020; 57 x 36 cm

Liane Briand



Tons de Ogres Homenagem à Katie; acrílica s/ tela; 2020; 40 x 50 cm

Ligia Calheiros



Políptico; cola, resíduo de tinta, hidróxido de ferro; 2020; 56 x 56 cm

Lúcia Lyra



Homenagem a Katie; acrílica s/ tela; 2020; 80 x 60 cm

Luciane Villanova



Inconsciente; serigrafia; 2019; 39 x 52 cm; edição única

Luciano Macedo



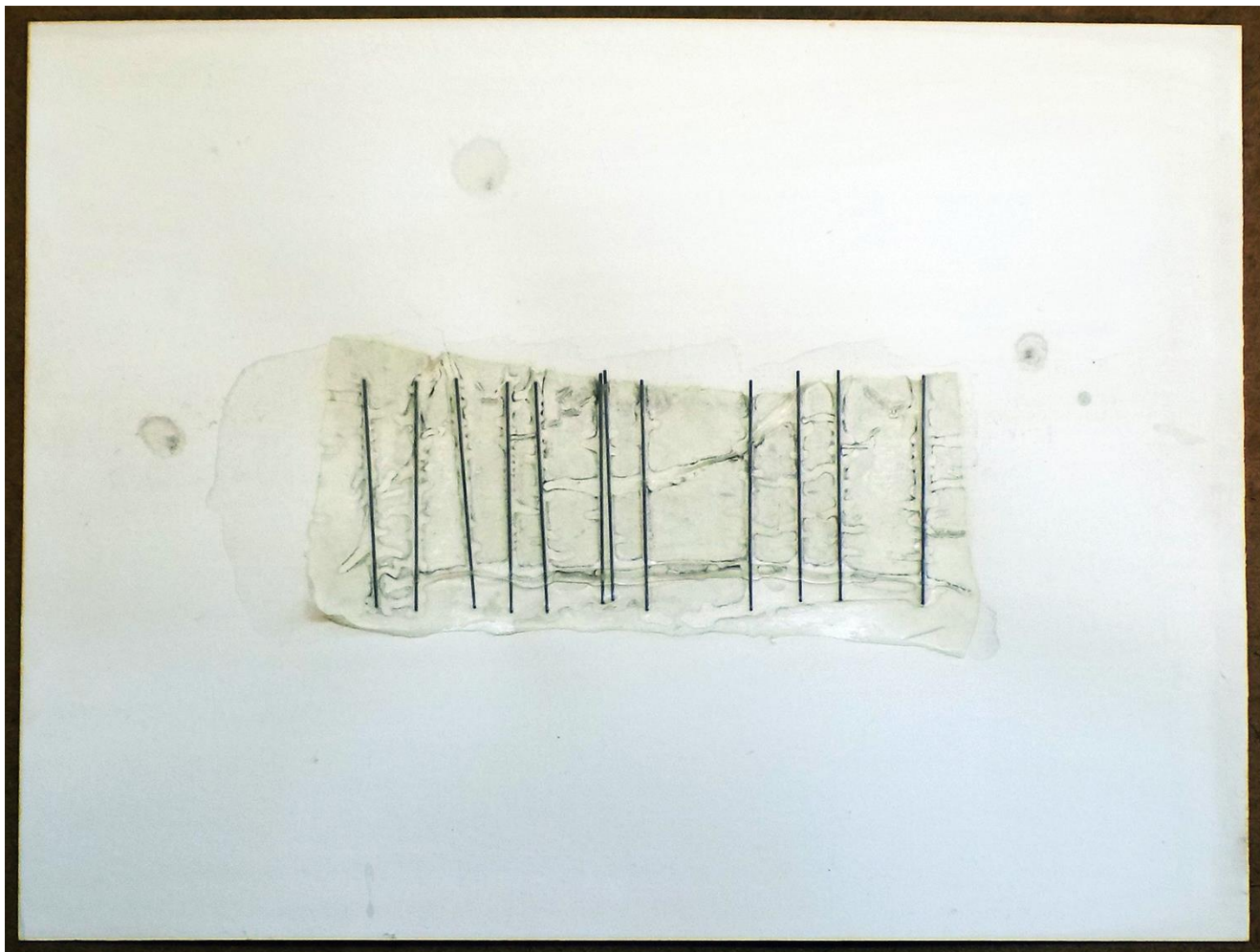
Série Grafite; *assemblage* - acrílica sobre "fitas" de metal, concreto e caixa de madeira; 2019; 70 x 60 cm

Lucio Volpini



Território ocupado // Insetos no jardim vermelho; pintura e desenho, acrílica, aquarela e nanquim s/ tela; 2020; 36 x 40 cm

Luis Branco



S/ título; desenho, técnica mista sobre papel; 2019; 24 x 32 cm

Marcelo Veiga



Natureza se reinventando na praia de Boa Viagem, tributo à obra de Katie;
desenho digital com interferências; edição única; 2020; 21 x 29 cm

Márcia Bianchi



Resgate nossas garotas; acrílica e colagens s/ tela preparada; 2014; 40 x 50 cm.

Marcio Fonseca



Eu não sou ela; retalhos de fronha, oxidação de cobre e em caustica; 2014; 40 x 40 cm

Marcos Bento



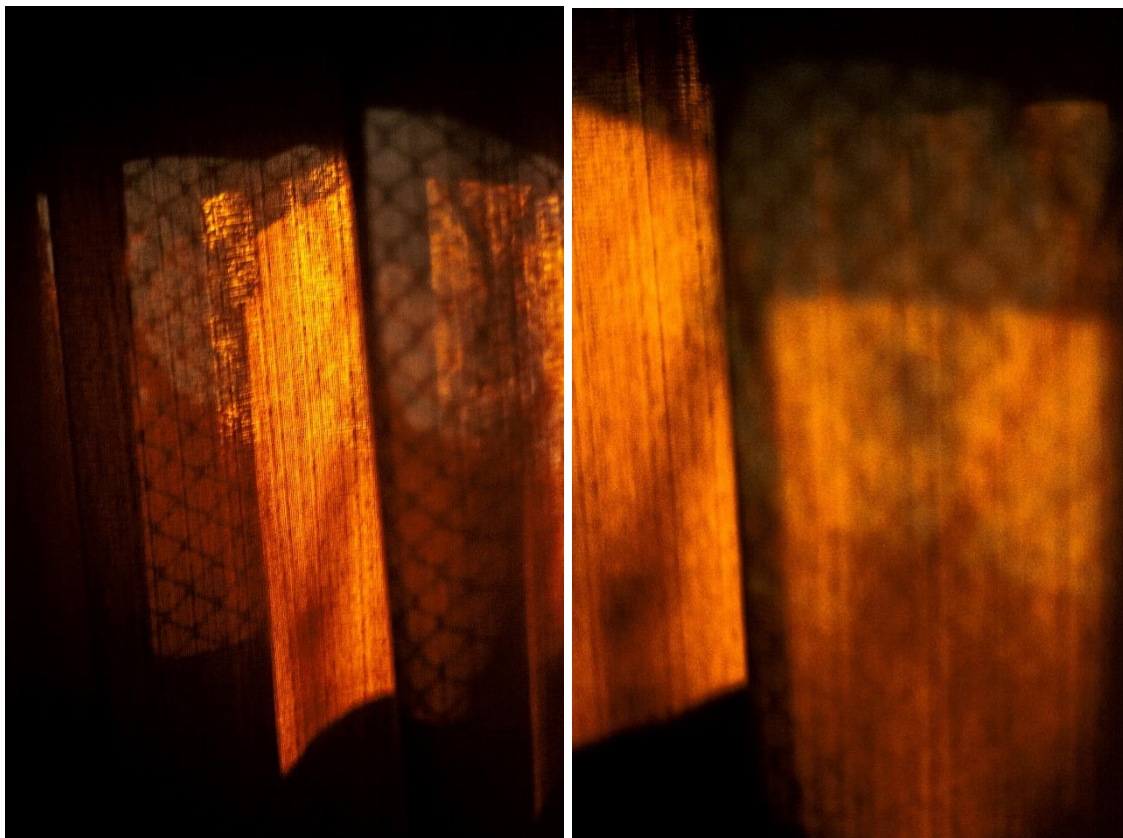
Fractal 001; acrílica s/ tela; 2017; 175 x 198 cm

Maria Amélia Curvello



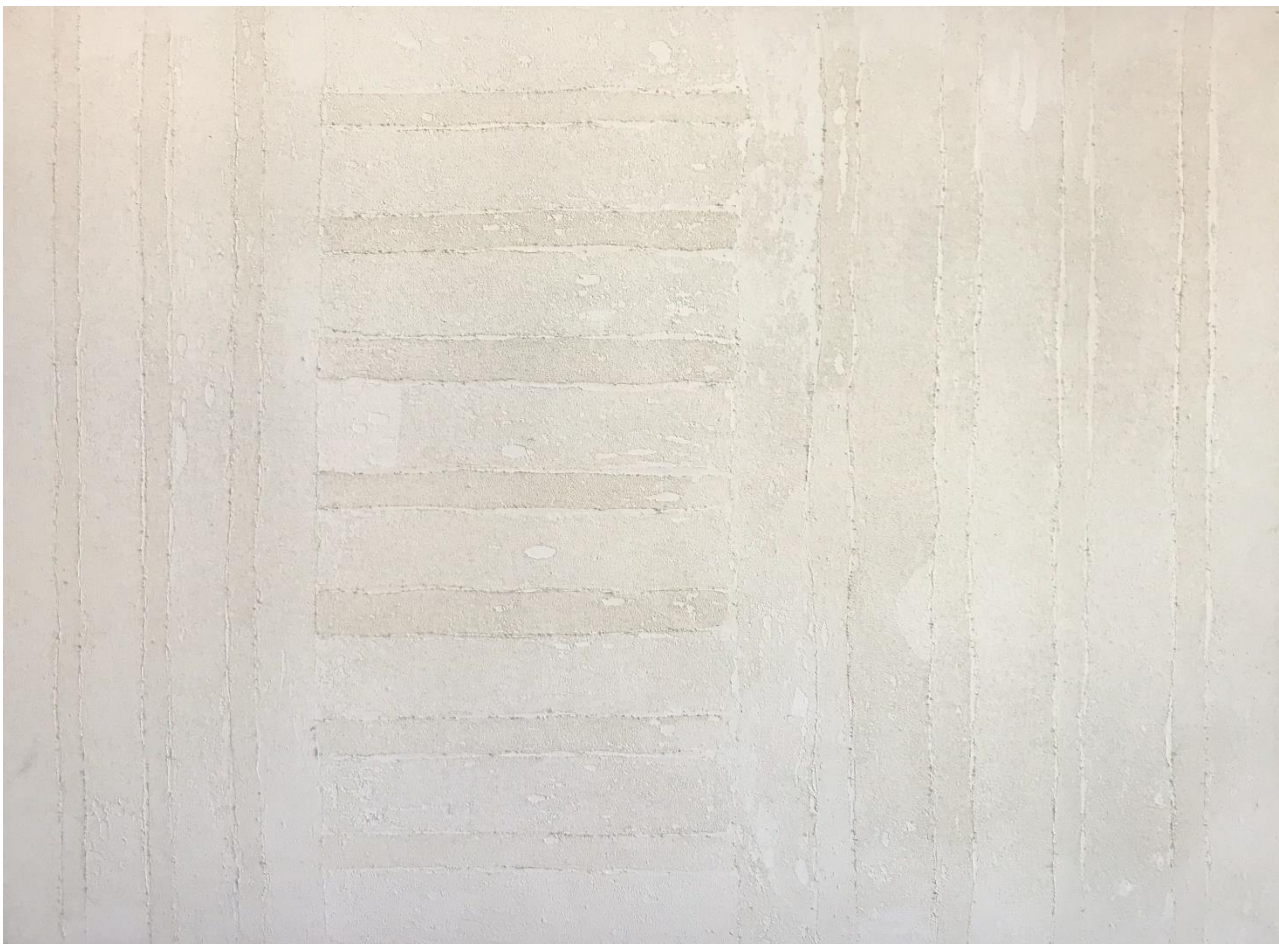
Dunas; acrílica s/ tela; 2018; 169 x 134 cm

Maria Cecília Leão



A surpresa da imagem (díptico); fotografia, impressão em *fine art*, 2020; 29 x 42 cm; tiragem 1/3

Maria Cherman



Série Meus Claros; gesso e pigmento sobre tela; 1996; 120 x 160 cm

Maria Eugênia Baptista



Conexão; da série Visceras da Terra; argila, pigmento, água de nascente, óleos e resinas naturais s/ tela (pintado com as mãos); 2019/2020; 110 x 160 cm

Moema Branquinho



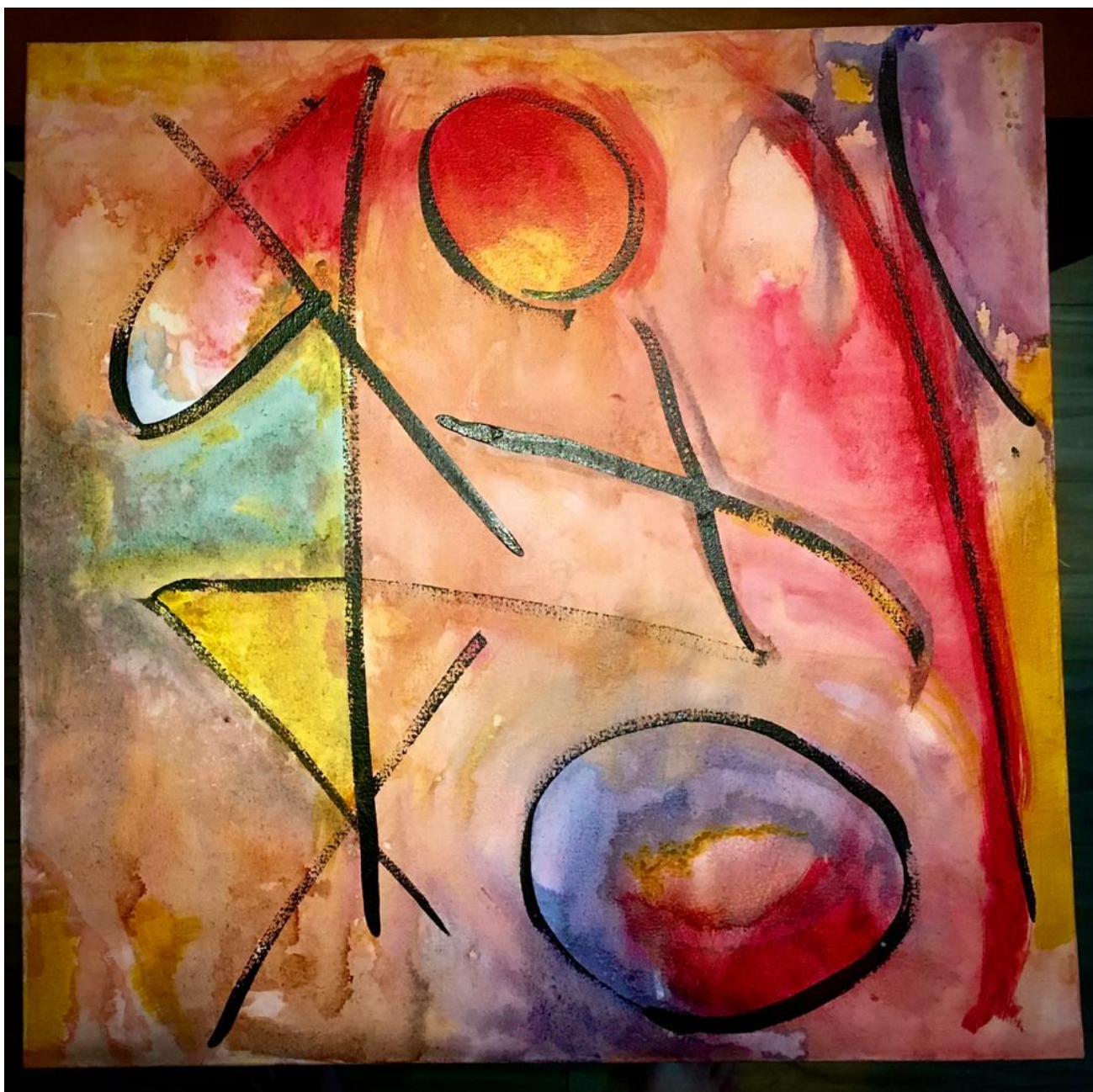
Paisagem visceral (Corte da natureza/ Corte do corpo); técnica mista, folhas de cobre, sisal, pigmento e encáustica s/ madeira; 2009 (durante Workshop de Materiais de Pintura com Katie van Scherpenberg - Rio de Janeiro); 40 x 40 cm

Maurício Theo



Terra Una 4; digital art, fotocomposição; 50 x 70 cm

Nina Leão



Sem título; acrílica s/tela; 2018; 40 x 40 cm

Noemi Ribeiro



Ars longa, Vita brevis; fotografia, desenho, manuscrito de Beethoven, impressa em papel *fine arts*; 2020; 40 x 30 cm; cópia única

Norma Mieko Okamura



Física do ar; encáustica s/ tela e acrílica; 2017; 35 x 44 cm

Olívio Neto



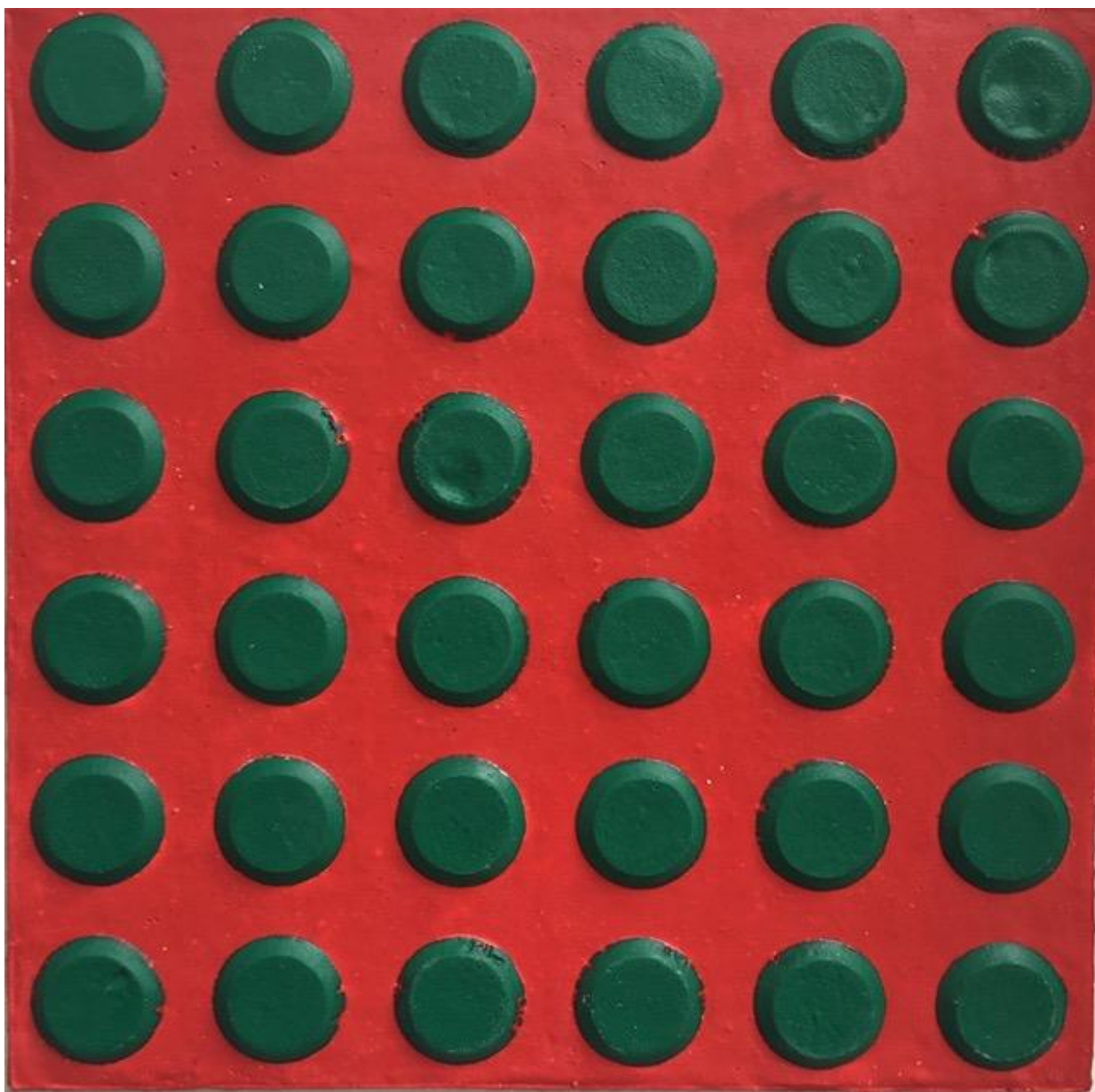
Flores para Katie (D'après Paisagem em prata, de Katie van Scherpenberg, 1993); técnica mista, decalques de acrílica s/ tela; 2020; 30 x 40 cm

Patricia Burrowes



Poema (hexápico); pigmentos e acrílica s/ tela e s/ Eucatex; 2020; 77,7 x 81,9 cm (seis painéis de 25 x 40 cm)

Paulo Marendino



A queda de Ícaro; pintura moldada, acrílica s/ tela; 2019; 30 x 30 cm

Pedro Lago



S/ título; aquarela e nanquim sobre papel; 2020; 46 x 62 cm

Regina Moura



Alquimia; técnica mista; 2019; 80 x 40 cm

Roberto Tavares



Terrenos terrosos A. P. 2020; colagem, têmpera vinílica, pasta de cera pigmentada; 2018/2020; 32 x 43 cm

Robinson Oliveira



Retrato de Katie; acrílica s/ tela; 2020; 40 x 50 cm

Rosangela Soares Pinto



Objeto azul; encaustica sobre compensado naval, cera de abelha, carnaúba, breu e pigmentos; 2020; 38 x 28 cm

Rose Aguiar



Marelho, fotografia digital editada; 2020; 60 x 40 cm

Sandra Felzen



IAAAAM; têmpera s/ tela com colagem de areia e papel de arroz; 2020; 110 x 150 cm

Sara Malenchini



Olho voador; acrílica s/tela; 2019; 30 x 40 cm

Sonia Guaraldi



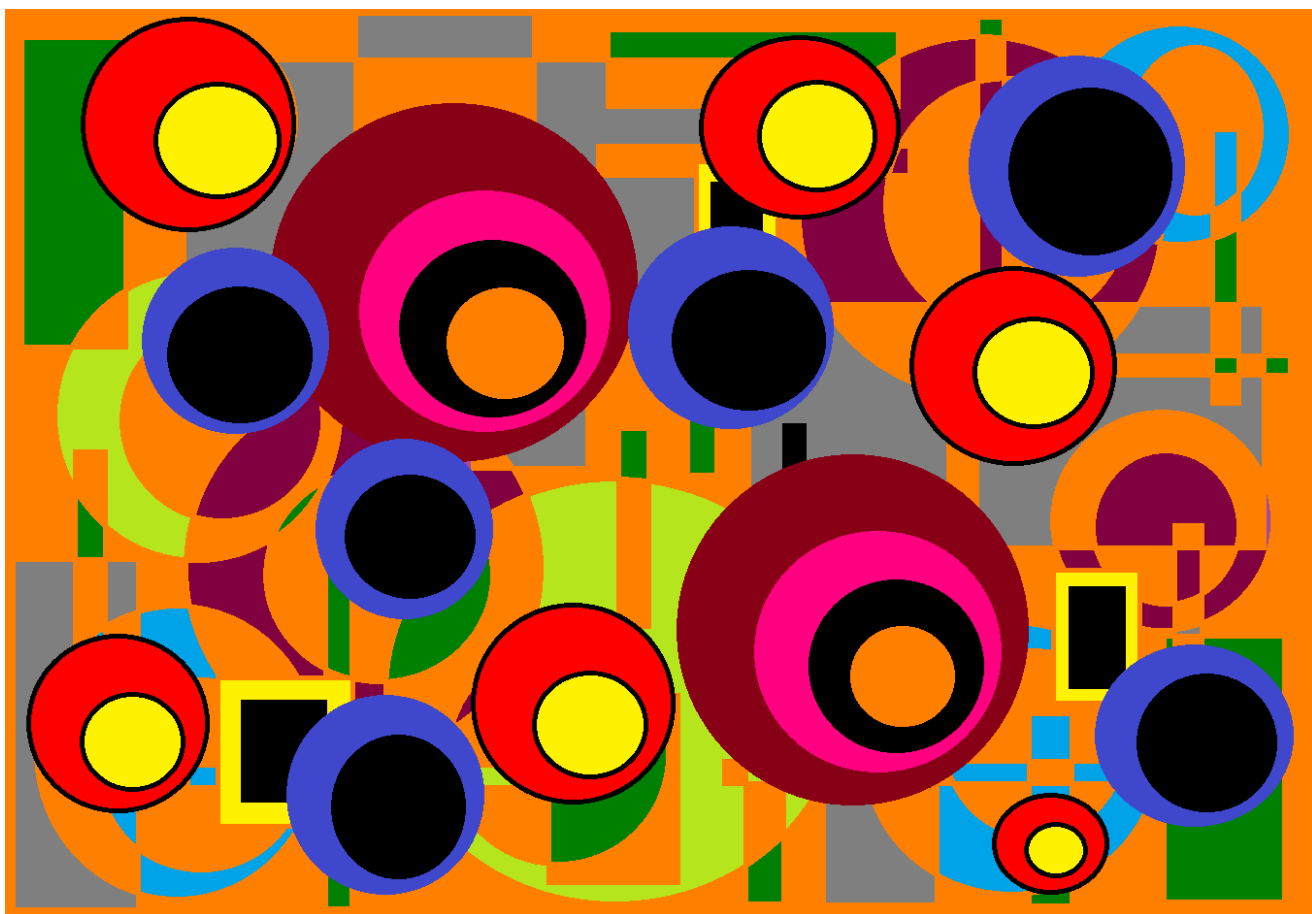
Involved in red; fotografia; 2020; 42 x 29,7 cm

Sonia Xavier



Assim é assim se lhe parece; monotipia; 2020; 228 x 38 cm

Suzi Coralli



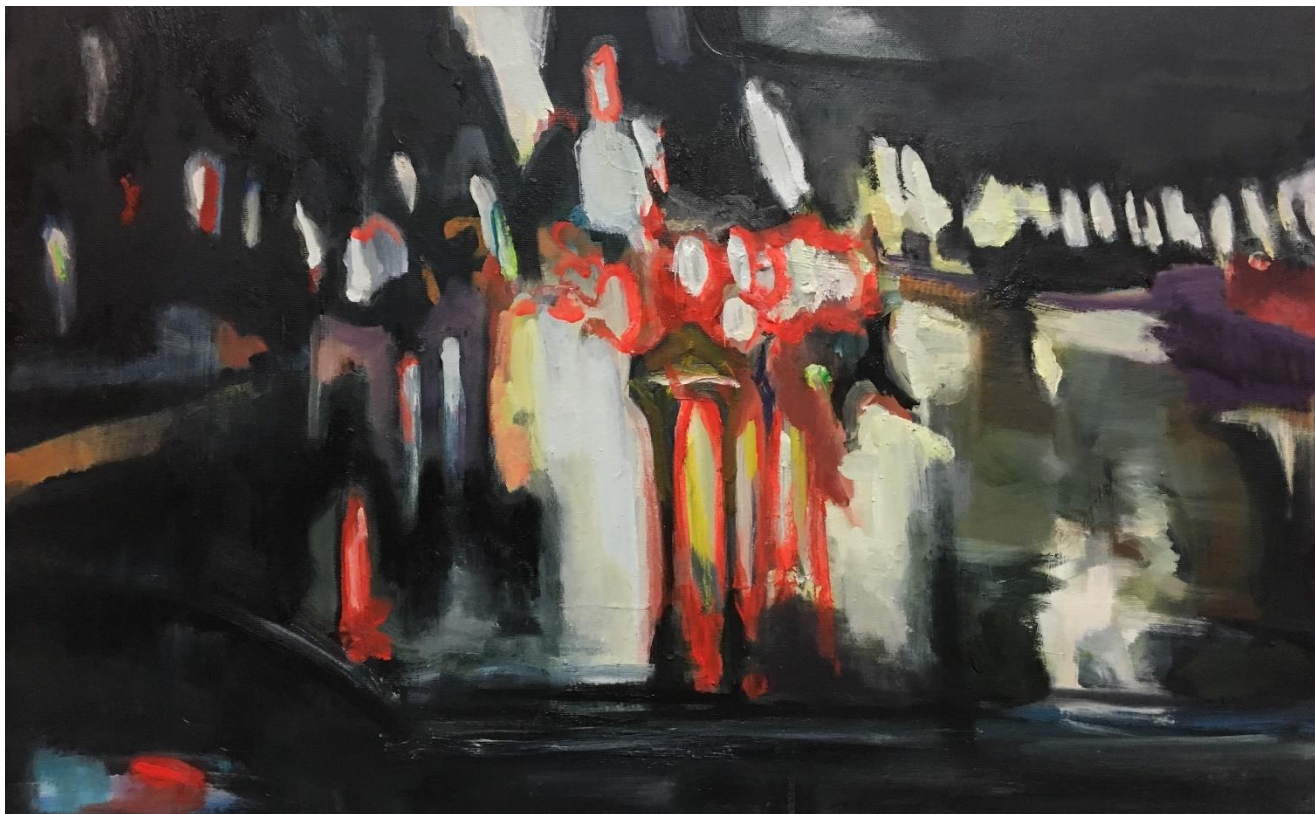
Sem título, série Cor Pop; gravura digital com impressão a laser assinada a punho; 2019; 42 x 29,7 cm

Tania Andrade



Fluxo da Natureza; aquarela; 2020; c/moldura 37,5 x 30 cm

Telma Gadelha



Asmodeus; óleo s/tela; 2019; 55 x 85 cm

Teresa Coelho



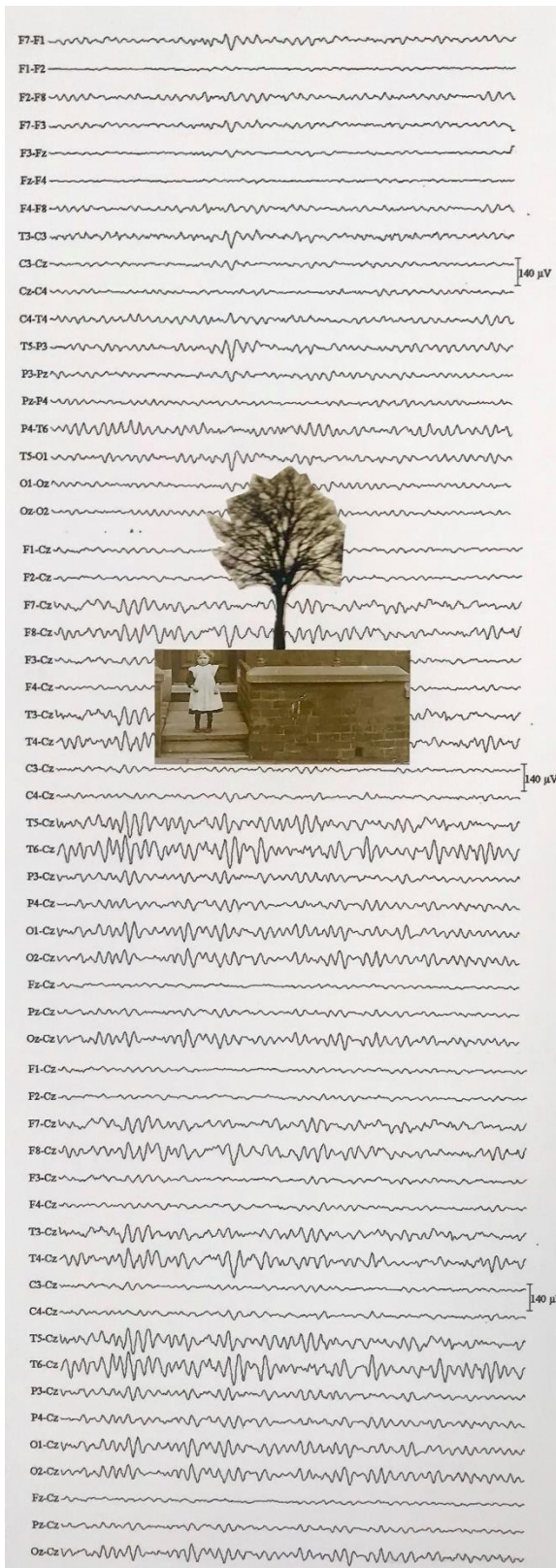
Café na casa de Katie; acrílica s/ tela; 2020; 100 x 100 cm

Uiara Bartira



Impossibilidades; acrílica s/tela; 2019; 70 x 80 cm

Valeria Campos



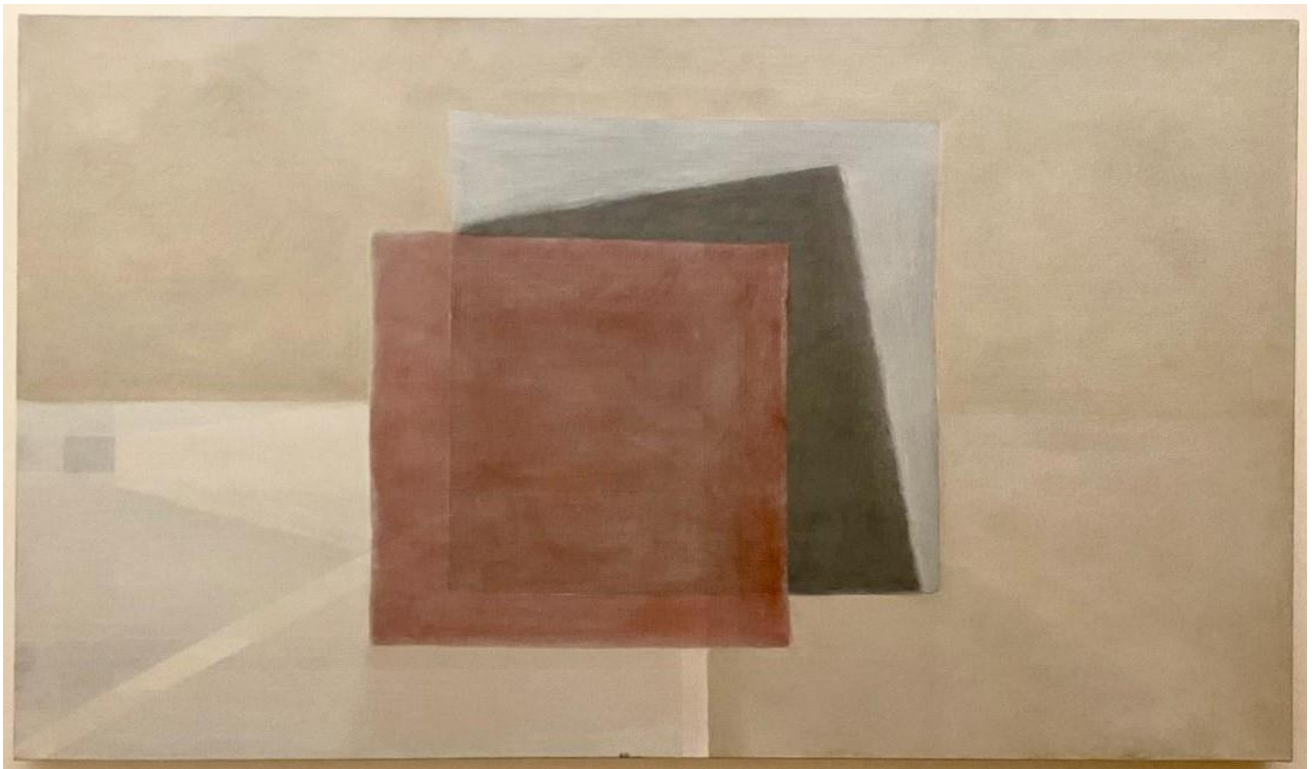
Excrêver; colagem sobre papel, impressão
fine art; 2019; 67 x 25 cm; tiragem 1/5

Vania Beatriz



Sem título; fotografia fine art; 2016; 21 x 29,7 cm

VeraLu



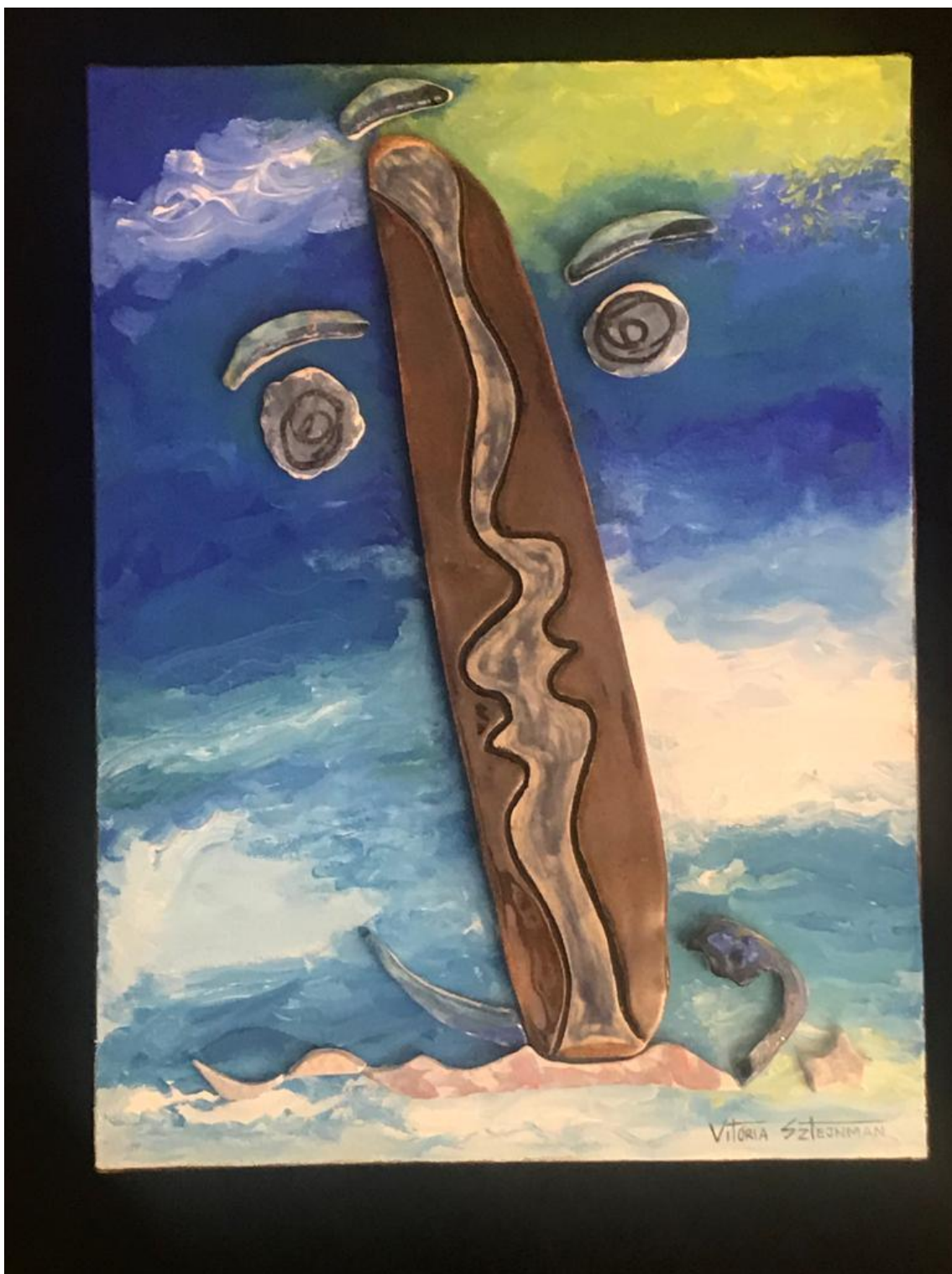
In ConScience; óleo s/ tela; 2019; 80 x 120 cm

Veronica Miranda



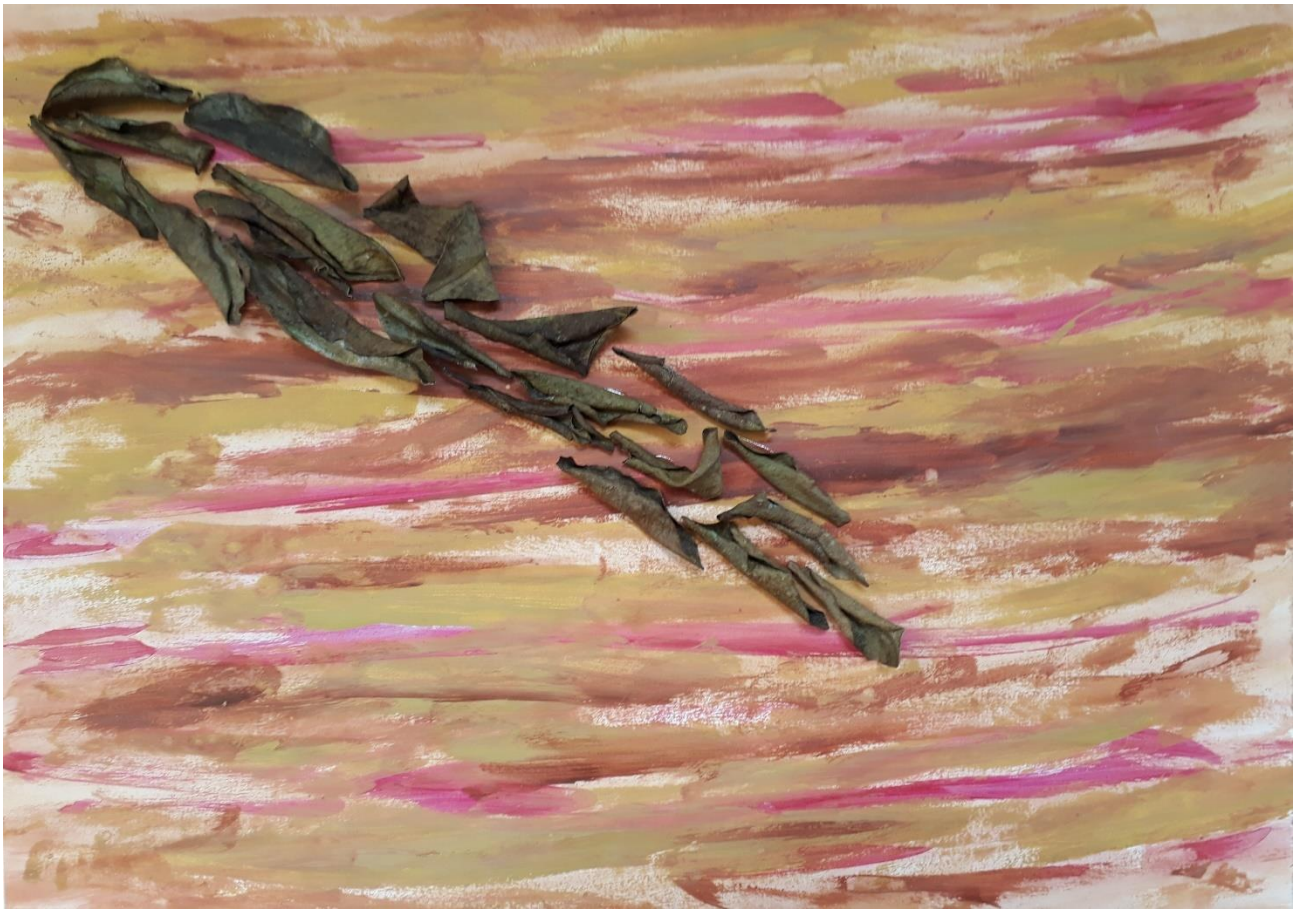
Sem título; fotografia digital, impressão fine art , papel 100% algodão
Hahnemühle photo rag 308g., impressão Estúdio Lupa; 2020; 45 x 32 cm;
edição: 1/5

Vitória Sztejnman



Espaço K Espaço Katie; acrílica s/ tela e cerâmica esmaltada; 2020; 40 x 30 cm

Walkyria Proença



S/ título; acrílica diluída e colagem de folhas de pokam sobre papel Canson;
2020; 42 x 29 cm

Wil Catarina



Placa; acrílica s/ colagem de tecido s/ tela; 2019; 40 x 40 cm

Xico Chaves



Máscaras Covid 2020; pigmentos minerais sobre papel de algodão de filtro de café; 2020; 20 x 12 cm cada

Yolanda Freyre



Eros e Thanatus - obra exposta nas individuais "Língua de Fogo" no MNBA (Museu Nacional de Belas Artes) e no MAST (Museu de Astronomia); óleo e folha de ouro galvanizado s/tela; 1999; 100 x 70 cm

Memórias de um elogio à Efemeridade
(2000/2020)

Devolvendo a Arte à Terra
Indiferença entre visível-invisível

De Luiz Guilherme Vergara
Para Katie van Scherpenberg

um encontro sublime com a poética da impermanência que
pode também ser abordado como elogio à efemeridade.

era um acontecimento passageiro da arte no mundo.

Apenas sua memória ritualística não se deixa
desfazer...Katie colocava em jogo a indiferença institucional
do visível-invisível – da percepção modelada pela cultura.
em contraponto ali era lançada a experiência da criação e
percepção selvagem (M.Ponty)... intervenção geopoética da
Katie van Scherpenberg na praia de nome Boa Viagem se
inscrevia como mais uma linha no livro dos palimpsestos
inventores daquela paisagem.

Pintores são sempre viajantes estrangeiros,,passageiros... A
arte abre passagem no tempo.

... Naquele momento marginal do manifesto anti-museu, da
anti-arte como ato; a anti-teologia de Feuerbach se
reinventava como uma inesquecível comunhão existencial; a
inscrição na areia dava espessura à fluidez do presente dos
afetos.

Ali se dava o quiasma múltiplo da dissolução completa do
fenômeno da arte como atravessamento recíproco de
diferentes modos de existência - eu – mundo. Entre natureza
testemunha e Terra co-criadora, a experiência geopoética da
imaginação no mundo celebrava a fluidez das formas e fluxos
vitais dissolvidos lentamente pelo incansável batimento das
ondas que morrem na praia.



Foto: Fausto Fleury

A filosofia do futuro de Feuerbach estava então presente como ato sendo incorporada à coalescência do gesto encarnado corpo-almanatureza como elogios à reversibilidade contínua da existência.

...Como lugar de criação e expressão dos paradoxos do fenômeno humano em sua extensão vital com a natureza, a arte ali se dava como acontecimento da Existência, e igualmente afirmando com Bakhtin a Existência como Acontecimento.

Por isso, não cabia dentro do museu, mas declarava aos pés da monumental esfinge arquitetônica do MAC, de Oscar Niemeyer, tal como uma utopia – distopia – o rés do chão de um insólito futuro da arte e seus abrigos.

Foto: Fausto Fleury



Katie van Scherpenberg
Intervenções na paisagem Sal
Grosso – 2014

Colaboração MAC Niterói - Instituto MESA
PPGCA – Artes UFF

...Em 2014 Katie van Scherpenberg retorna à praia de Boa Viagem, nas margens do MAC Niterói. Desta vez, propõe uma ação coletiva com seu grupo de artistas e colaboradores, envolvendo sal grosso. Já se tinha a questão da violência no Rio de Janeiro como limites ameaçadores da cidadania.

A impermanência e fluidez geopoética incorporam um sentido de devolver a Arte para a Existência... Devolver o fenômeno humano a sua total imersão na Natureza.

Mais uma vez, o museu – o templo de percepção cultural é colocado à margem, como testemunha, quando toda a centralidade se desloca para a fenomenologia existencial – EU-Mundo.

Sem dúvida, este acontecimento aponta para mudanças no sentido não apenas da arte, mas do fenômeno humano para além de si – pós-humanismo, pós-utopias modernas. Uma aula para o devir e devolver arte para a Terra.

Foto: José Antonio



Katie van Scherpenberg – Intervenções na paisagem - Sal Grosso – 2014
Colaboração MAC - Instituto MESA



Restaura-se nessas memórias de pequenos gestos uma performance que celebra a efemeridade e terapêuticas vitais da arte como retorno circular da dádiva da Existência - devolver a arte à Terra como rituais pré-humanistas de colaboração e co-criação que regeneram o fenômeno humano através dos fluxos da existência como parte da Natureza.



Enquanto Katie lembra que sua trajetória artística esteve sempre voltada à construção, materiais, processos de produção e técnicas de conservação da pintura, nestes dois momentos – acontecimentos, a artista integra a obra à sua dimensão fenomênica existencial, à des-forma, ou fluidez do tempo-duração. Nesta performance – intervenção na paisagem, a geopoética da existência enuncia uma inflexão maior de paradigmas – a impermanência e distopia incorporam o devir pós-humanista.



Mas, emerge igualmente o destino coletivo da arte apontando para “a inteligência das mulheres saindo fortalecidas da violência dos machos” (Katie van Scherpenberg, 25/07/2020)